

UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA:
LINGUAGEM E SOCIEDADE

Edna Maria Souza Rabêlo

**As Redes Sociais sob a perspectiva da Subjetividade e dos
processos de Subjetivação do Existir Humano em
Kierkegaard: Memória; Poder; Riscos e Alteridade**

Vitória da Conquista-BA
Fevereiro, 2014

UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA:
LINGUAGEM E SOCIEDADE

Edna Maria Souza Rabêlo

**As Redes Sociais sob a perspectiva da Subjetividade e dos
processos de Subjetivação do Existir Humano em
Kierkegaard: Memória; Poder; Riscos e Alteridade**

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Orientador: Professor Doutor Jorge Miranda de Almeida

Vitória da Conquista-BA
Fevereiro, 2014

R1127r Rabêlo, Edna Maria Souza

As redes sociais sob a perspectiva da subjetividade e dos processos de subjetivação do existir humano em Kierkegaard: memória, poder, riscos e alteridade; orientador Jorge Miranda de Almeida - Vitória da Conquista, 2014.

106 f.

Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade).

Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2014.

1. Subjetividade. 2. Subjetivação. 3. Memória. 4. Redes Sociais. I. Almeida, Jorge Miranda de. III. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. IV. Título.

Título em inglês: Social networks from the perspective of subjectivity and subjectivation processes of human existence in Kierkegaard: memory, power, risks and alterity.

Palavras-chave em inglês: Subjectivity; Subjectivation; Memory; Social Network.

Área de concentração: Multidisciplinaridade da Memória.

Titulação: Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Banca Examinadora: Prof. Dr. Jorge Miranda de Almeida (orientador), Prof. Dr. Antônio Sidekum (membro titular), Profa. Dra. Lívia Diana Rocha Magalhães (membro titular), Profa. Dra. Ana Elizabeth Santos Alves (suplente), Prof. Dr. Luciano Costa Santos (suplente).

Data da Defesa: 27 de janeiro de 2014.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade.

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

BANCA EXAMINADORA

JORGE MIRANDA DE ALMEIDA

Prof. Dr. Jorge Miranda de Almeida (UESB)
(Orientador)

LÍVIA DIANA ROCHA MAGALHÃES

Profª. Dra. Lívia Diana Rocha Magalhães (UESB)

Antônio Sidekum

Prof. Dr. Antônio Sidekum (FURB)

SUPLENTE

Profª. Dra. Ana Elizabeth Santos Alves (UESB)

Prof. Dr. Luciano Costa Santos (UNEB)

Local e Data: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista, 27 de Janeiro de 2014.

Resultado: APROVADO

Para
Jaime e Ana Livia,
conexão de amor.

AGRADECIMENTOS

A Deus minha força, consolo, cuidado, abrigo e amparo. E N'ele, a todas as pessoas que por sua permissão e conhecimento de começo, meio e fim, se fizeram presentes, participantes, incentivadoras e cooperadoras nesta jornada. A Ele toda minha gratidão na expressão do dom da vida que me foi dada viver.

Tudo examinei mediante a sabedoria e disse:
Estou decidido a ser sábio;
mas isso estava fora do meu alcance.
A realidade está bem distante
e é muito profunda;
quem pode descobri-la?
Por isso dediquei-me a aprender,
a investigar, a buscar a sabedoria
e a razão de ser das coisas,
para compreender
a insensatez da impiedade
e a loucura da insensatez.

Eclesiastes 7: 23 a 25

RESUMO

Essa dissertação tem como foco de interesse investigar as relações subjetivas e intersubjetivas que podem/ou são estruturadas em ambiente virtual de interação, no caso específico, os mantidos na Rede Social Virtual Facebook, entendendo as mediações que podem ocorrer considerando o contexto em que se inserem as variáveis homem/máquina/homem e tempo/memória, grupo social/memória. Para realizar esse estudo, assumimos como base teórica a concepção de subjetividade de Soren Kierkegaard (1813-1855), que elabora de maneira profunda a subjetividade como elemento estrutural de constituição do “si mesmo”, “pessoa” e “existente singular”. A utilização dos sistemas computacionais e das modernas tecnologias em rede (virtuais) tem provocado uma cadeia de transformações sociais, políticas, econômicas, culturais e comportamentais. Mundo virtual, ciberespaço, comunidades virtuais, sociedades virtuais, redes sociais virtuais são expressões que fazem parte do vocabulário cotidiano de uma imensa quantidade de indivíduos em todo o mundo, especialmente nas duas últimas décadas. Refletir sobre o universo “virtual” baseado na Internet desperta apreciações que são interdisciplinares, multidisciplinares e complexas, pois, podemos abordar desde a parte mais técnica até a emocional das relações humanas envolvidas nessa temática, bem como entre a mediação destas partes e todas as peculiaridades que elas podem constituir. A abordagem para a construção dessa dissertação consiste em estabelecer, através do diálogo com os pressupostos teórico-filosóficos de Kierkegaard, a possibilidade de averiguar se as redes sociais são capazes de construir subjetividade e quais tipos de discursos, narrativas e linguagens são produzidos. Numa outra abordagem dentro do tema em questão, também discutiremos a produção de memória nesse contexto de relações virtuais. Para tanto, elegemos como teórico de referencia para esse estudo o sociólogo Maurice Halbwachs (1887-1945), que desenvolveu o conceito de memória coletiva que tem encontrado novas aplicações e suscitado uma revisitação da sua abordagem em função das transformações geradas nas relações sócias modernas provocadas pelos meios tecnológicos de comunicação e interação.

PALAVRAS-CHAVE

Subjetividade. subjetivação. memória. redes sociais.

ABSTRACT

This dissertation is centered in investigate to the subjective and intersubjective relations that can/ or are structured in a virtual environment interaction, in the particular case, maintained in Virtual Social Network the Facebook, understanding the mediations that may occur considering the context in which they operate the variables man / machine/man and time /memory, social group/memory. To perform this study, we took as a theoretical base, in Soren Kierkegaard's (1813-1855) conception of subjectivity, working in a profound way the subjectivation as a structural element of the constitution of "himself", "person" and" singular existent". The use of computer systems and modern network technologies (virtual) has caused a series of social, political, economic, cultural and behavioral changes. Virtual world, cyberspace, virtual communities, virtual societies, virtual social networks are expressions that are part of the everyday vocabulary of a lot of people around the world, especially in the last two decades. Reflect on the "virtual " universe, based on internet, it awake observations which are interdisciplinary, multidisciplinary and complex, therefore, we can comment on from the most technical to the emotional part of human relationships involved in this theme, as well as the mediation of these parties and all the peculiarities that they can constitute. The argumentation to the construction of this dissertation is to establish, through the dialogue with the theoretical-philosophical presupposed of Kierkegaard, the possibility to examine whether social networks are able to construct subjectivity and what kinds of discourses, narratives and other languages are created. In other argumentation about the theme, we'll also discuss the production of memory in the context of virtual relationships. To do so, we choose as theoretical reference for this study , the sociologist Maurice Halbwachs (1887-1945) , who developed the concept of collective memory, he has found new applications and he has stimulated revisiting of his assessments based on the transformations generated in modern social relationships caused by technological means of communication and interaction .

KEYWORDS

Subjectivity. Subjectivation. Memory. Social networks.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Os diferentes sentidos do virtual, do mais fraco ao mais forte	28
Figura 2 Página inicial da conta do Facebook.....	56
Figura 3 Página do Facebook de configuração de privacidade.....	56
Figura 4 Estatística de composição da rede.....	57
Figura 5 Elementos de uma postagem.....	58
Figura 6 Exemplo de Interconexão.....	59
Figura 7 Ícone do Curtir.....	60
Figura 8 Página Inicial do Facebook.....	62
Figura 9 Exemplos de <i>posts</i> para Facebook.....	64
Figura 10 Exemplo de <i>post</i> dos modelos disponíveis.....	65
Figura 11 Página do Movimento Passe Livre no Facebook.....	68
Figura 12 Postagem dentro do grupo Movimento Passe Livre.....	69
Figura 13 Primeira postagem criticando a decisão.....	69
Figura 14 Comentário dentro da postagem anterior.....	70
Figura 15 Imagem posterior do Grupo Movimento Passe Livre.....	71
Figura 16 Postagem do grupo MCC convocando para manifestações.....	72
Figura 17 Postagem do grupo MCC orientando os manifestantes	73
Figura 18 Congresso- Postagem mostrando o movimento em Brasília.....	74
Figura 19 Esposa.....	75
Figura 20 Morte.....	75
Figura 21 Exemplo de “Selfie”	76

Figura 22 Beijo.....	76
Figura 23 Nu.....	77
Figura 24 Postagem de comentários das imagens anteriores.....	77
Figura 25 Luto.....	78
Figura 26 Abraço.....	78
Figura 27 Dor.....	79
Figura 28 Moda.....	80
Figura 29 Pão e circo.....	81
Figura 30 Corrigindo.....	82
Figura 31 Na fazenda.....	83
Figura 32 A turma.....	84
Figura 33 Interrogação	85

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 AS REDES SOCIAIS, A MEMÓRIA E A SUBJETIVIDADE	19
2.1 TEORIA DA MEMÓRIA COLETIVA EM HALBWACHS	25
2.2 "VIRTUAL(AIS)": PARA ENTENDER MELHOR O CONCEITO	28
2.3 A NECESSIDADE DE UMA REVISITAÇÃO DESTE CONCEITO À LUZ DAS NOVAS MANEIRAS DE SE CONCEBER O COLETIVO	30
3 A SUBJETIVIDADE EM KIERKEGAARD	34
3.1 O HOMEM SOREN KIERKEGAARD E SUA OBRA	35
3.2 A CONCEPÇÃO DE SUBJETIVIDADE EM KIERKEGAARD	36
3.3 AS CATEGORIAS DE SUBJETIVIDADE EM KIERKEGAARD	41
3.4 A SUBJETIVIDADE E AS REDES SOCIAIS VIRTUAIS NA INTERNET	43
3.4.1 VISIBILIDADE; CONTROLE, AUTOPROMOÇÃO E CONSUMO	45
	50
4 REDES SOCIAIS VIRTUAIS	55
4.1 LÓCUS, O FACEBOOK	55
4.2 DETALHAMENTO DA REDE SOCIAL FACEBOOK	59
4.2.1 PRINCÍPIOS DO FACEBOOK	60
4.3 SUBJETIVIDADE \neq SUBJETIVAÇÃO = REDE SOCIAIS: UMA EQUAÇÃO QUESTIONÁVEL	63
4.4 COLETANDO E ANALISANDO OS DADOS	66
4.4.1 As Redes Sociais como espaço de articulação de grupos sociais	67
4.4.2 A Redes Sociais como espaços pessoais	75
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	89
ANEXOS	92
Anexo A. Sobre sites de redes sociais	92
(a) Orkut	92
(b) My space	94

(b.1) Tipo de contas	95
(c) LinkedIn.	96
(d) Twitter	99

1 INTRODUÇÃO

“A gente estancou de repente
 Ou foi o mundo então que cresceu...
 Roda mundo, roda-gigante
 Rodamoinho, roda pião
 O tempo rodou num instante
 Nas voltas do meu coração”.

“Roda viva” Chico Buarque

Mundo virtual, ciberespaço¹, comunidades virtuais, sociedades virtuais, redes sociais virtuais; estas são expressões que fazem parte do vocabulário cotidiano de uma imensa quantidade de indivíduos em todo o mundo, especialmente nas duas últimas décadas. Refletir sobre o universo “virtual” baseado na Internet desperta apreciações que são inter, multidisciplinares e complexas, pois, podemos abordar desde a parte mais técnica até a emocional das relações humanas envolvidas nessa temática, bem como entre a mediação destas partes e todas as peculiaridades que elas podem constituir. A utilização dos sistemas computacionais e das modernas tecnologias em rede (virtuais) tem provocado uma cadeia de transformações sociais, políticas, econômicas, culturais e comportamentais. Ao passo em que têm modificado os processos de comunicação do homem e suas interações sociais, estas tecnologias têm promovido um papel determinante na organização da sociedade e requerido demandas por novos estudos e avanços nesta área.

O problema principal que essa dissertação apresenta tem como foco de interesse investigar as relações que podem/ou são estruturadas nesse ambiente “virtual” através da mediação homem/máquina/homem e tempo/memória, grupo social/memória e que, por sua vez, também perpassa o contexto histórico-social-econômico e cultural do nosso tempo como pode ser constatado nos recentes escândalos da invasão de privacidade de indivíduos e grupos pelo governo Norte Americano denunciado pelo ex-agente da *Central Intelligence Agency* (CIA) Edward Snowden nos principais veículos de comunicação (BRASIL247,

¹ O termo ciberespaço foi cunhado por William Gibson (1984) e que se popularizou em seu romance “Neuromancer” e hoje é amplamente utilizado como uma metáfora para a Internet e a Web. O ciberespaço pode ser considerado o espaço de atividades on-line, incluindo a interação social, e essa metáfora espacial, portanto, difere da Internet física composta por servidores. No presente trabalho usaremos o termo conforme designa Lévy (1999) como:” um conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (p.17)

2013; NOTÍCIAS, 2013; GUARDIAN, 2013) e na organização da população brasileira nas manifestações ocorridas em todo o país no período que iniciou na segunda quinzena de junho de 2013, seguido pelos escândalos de corrupção envolvendo políticos da Câmara Federal e do Senado Nacional e seus desdobramentos judiciais que, certamente, continuarão a repercutir por muito tempo.

Nesse sentido, é possível e importante refletir sobre o que significa virtual. São muitos os questionamentos: Virtual em oposição ao real, ou virtual como modalidade do real? Quem define os critérios da realidade do virtual? Como se constrói subjetividade nesse campo minado em que o virtual adquire várias modelações onde o mesmo sujeito pode criar vários perfis de si mesmo? Qual o lugar da memória nas condições virtuais? O cenário virtual educa, integra, manipula ou adentra para atender aos interesses dos donos dos meios de produção? Essas questões ainda não estão respondidas, mesmo depois de decorridas mais de duas décadas da primeira edição do livro *O que é o Virtual*, do filósofo francês Pierre Lévy, onde ele traz a debate os efeitos sociais e culturais por detrás do fenômeno técnico da cibercultura e das novas mutações que provoca no contexto social como um todo.

Escolhemos estudar as Redes Sociais Virtuais pela ampla possibilidade de intersecção que elas proporcionam quando nos propomos a relacionar memória, ética, interação, subjetividade e subjetivação nas relações humanas.

Para realizar essa tarefa, assumimos como base teórica o pensamento do filósofo Soren Kierkegaard (1813-1855), que elabora de maneira profunda a subjetividade como elemento estrutural de constituição do “si mesmo”, “pessoa” e “existente singular”. Em Kierkegaard (2010) é possível explorar pelo menos sete variáveis de subjetividade, o que nos coloca diante de um grande desafio: toda subjetividade é verdadeira? Toda subjetividade é autêntica? Quando a subjetividade é subjetivada e tornada/ transformada em homogeneidade? Em que medida as Redes Sociais Virtuais não subjetivam a subjetividade a serviço de algum poder econômico, religioso ou midiático?

A subjetividade pode ser autêntica quando é construída no interior do si mesmo, mas pode ser inautêntica, dissimulada e exterior a si mesma como os personagens do estádio estético que não decidiram arriscar tudo para ganhar o si mesmo. Na obra *Pós-escrito* Kierkegaard (2010; 2013) repete 72 vezes que a subjetividade é a verdade. O recurso da

repetição é pedagógico, pois é preciso evidenciar que a população dinamarquesa (e a nossa) não vive de verdade a subjetividade, mas que deixou - por conveniência ou não-subjetivar-se.

Dessa forma os personagens descritos na obra *Enten-eller* (a alternativa) e *Etapas no Caminho da Vida* com Dona Elvira, o Juiz Vilhelm, Fausto e o judeu errante, não são subjetividades verdadeiras, mas caricaturas de outro eu que elas projetam para si mesmas.

A provocação estabelecida pelo filósofo dinamarquês é pertinente, pois, num contexto onde a grande maioria das pessoas se iguala numa massa homogênea, procurando andar conforme o fluxo da multidão que é contagiante e condicionante, o pensamento de Kierkegaard nos proporciona elementos ricos no estudo que ora empreendemos por também possibilitar um debate bastante profícuo, de um lado, sobre a produção de subjetividade, dos modos de compreensão da subjetividade e, de outro, dos processos de subjetivação do existir humano que coaduna com toda uma rede de produção de pessoas de pensamento serializado, controlado e manipulado pelas mídias de comunicação de massa e por instituições representadas pela educação formal e determinados grupos econômicos e religiosos. Kierkegaard (1986) foi um árduo crítico dos meios de comunicação de sua época por entender que os mesmos nivelam os homens por baixo e que eles eram responsáveis “pela mentira, a baixeza e a injustiça que governam o mundo” (p.57).

O fenômeno recente das redes sociais e os milhares de seguidores virtuais, públicos ou anônimos, tornou a pesquisa relevante e instigante, pois propiciou aprofundar o conhecimento acerca desse fenômeno de comunicação, como também, analisar se os mesmos promovem à construção de singularidade ou reforçam a criação de identidades uniformizadas como denuncia Guattari; Rolnick (2010) “a identidade é aquilo que faz passar a singularidade de diferentes maneiras de existir por um só e mesmo quadro de referência identificável” (p. 80).

Portanto, a principal abordagem para a construção dessa dissertação consiste em estabelecer, através do diálogo com os pressupostos teórico-filosóficos do filósofo da existência, a possibilidade de averiguar se as redes sociais são capazes de construir subjetividade e quais tipos de discursos, narrativas e linguagens são produzidos.

Numa outra abordagem dentro do tema em questão, também discutiremos a produção de memória nesse contexto de relações virtuais. Para tanto, elegemos como teórico de

referencia para esse enfoque o sociólogo Maurice Halbwachs (1897-1945), que desenvolveu o conceito de memória coletiva. Este conceito tem encontrado novas aplicações e suscitado uma revisitação da sua abordagem em função das transformações geradas nas relações sociais modernas provocadas pelas novas tecnologias de informação e comunicação.

Assim, acreditamos que o conceito de memória coletiva seja o mais adequado para a análise que empreendemos, pois, dentro dos pressupostos até aqui levantados, podemos afirmar que as relações estabelecidas e cultivadas através dos meios virtuais se enquadram no conceito de coletivas, de pertencimento, de ligação de grupo. Mesmo que estejamos nos tornando mais isolados fisicamente, ainda assim, são criadas comunidades de relações, só que baseados em: o mundo (os outros) o computador (meio) e eu. Esse pertencimento, por sua vez, se associa a uma identificação com os demais, gerando uma identidade, uma relação de grupo.

O estudo em questão propõe rever a luz do conceito de memória coletiva do teórico supracitado, sob a ótica destas novas formas de conceber o coletivo, a ligação de grupos, as comunidades das relações humanas mediadas por computador, à forma como estão se estruturando esses novos caminhos da memória, para que possa ser analisada com consistência a interação da subjetividade a partir de Kierkegaard, e a memória coletiva em Halbwachs.

O diálogo entre a categoria de subjetividade a partir da ótica de Kierkegaard e de memória coletiva de Halbwachs propiciou uma rica análise para a sustentação da dissertação, pois a subjetividade é um si mesmo relacional, e em sua estrutura fundante, coletiva. Mas, assumindo-se como coletivo a partir da adesão de tudo que a constitui, supera-se a subjetividade, a consciência e ao mesmo tempo a visão profundamente influenciada pelo hegelianismo do coletivo como um rolo compressor que estabelece a objetividade como capaz de suprassumir a subjetividade.

Ao nos lançar sobre o tema em questão, levantamos alguns questionamentos que direcionaram nossa pesquisa. Os objetivos que norteiam este trabalho são:

1.2 OBJETIVO PRINCIPAL

Analisar o papel das Redes Sociais Virtuais na produção e na construção (ou não) da subjetividade e dos processos de subjetivação do existir humano a partir da perspectiva do filósofo Kierkegaard.

1.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- (a) Estabelecer a partir do diálogo com Kierkegaard como a subjetividade e os processos de subjetivação estão relacionados com a memória, o poder, os riscos e a alteridade através das redes sociais;
- (b) Confrontar as categorias de subjetividade e subjetivação em Kierkegaard e verificar como elas se posicionam em relação aos discursos produzidos pelas e nas redes sociais;
- (c) Analisar através de um perfil criado na rede social Facebook os discursos que são veiculados e produzidos e confrontá-los com a subjetividade e processos de subjetivação como delimitados na abordagem em Kierkegaard.

Diante dos objetivos propostos, o procedimento metodológico permeou numa primeira etapa pelo método analítico, pois, era condição para análise das categorias principais que constroem a validade desta pesquisa, bem como, submetê-las à própria negação para verificar a consistência. Numa segunda etapa, utilizamos o estudo de caso com a utilização de um perfil na rede social Facebook, acompanhando o desenvolvimento das relações dentro da rede e confrontando-o com os teóricos que embasam e sustentam as categorias de subjetividade, subjetivação e memória.

A dissertação está constituída de uma parte introdutória, três capítulos e as considerações finais. No primeiro capítulo apresentamos o conceito de memória com base na teoria de memória coletiva de Maurice Halbwachs, estabelecendo um diálogo com outros teóricos para uma melhor compreensão da abordagem que empreendemos de memória e subjetividade no contexto do virtual.

No segundo capítulo iremos aprofundar a concepção da categoria da subjetividade em Kierkegaard e demonstrar o corte epistemológico estabelecido por ele com a concepção de subjetividade desenvolvida largamente no contexto filosófico e, de alguma maneira,

cultural do ocidente, como uma subjetividade autosuficiente e egocêntrica tal qual as concepções de Descartes e Leibniz que reduzem o singular a uma mônada ou a um cogito.

No terceiro capítulo apresentamos a partir de dados coletados da Rede Social Virtual Facebook, uma análise das categorias memória, subjetividade e subjetivação, conforme estabelece Halbwachs e Kierkegaard, dialogando com outros teóricos.

2 AS REDES SOCIAIS, A MEMÓRIA E A SUBJETIVIDADE

É grande realmente o poder da memória, bem grande, ó meu Deus. É um santuário imenso, ilimitado. Quem poderá atingir-lhe a profundidade? E essa força pertence ao meu espírito, faz parte da minha natureza; e na realidade não chego a apreender tudo o que sou.

Agostinho (1997, p.280)

A propagação e a onipresença da comunicação mediada por computador é um fato inquestionável e reconhecido pela grande maioria dos indivíduos, tendo em vista que, mesmo em pleno século XXI, com todos os avanços tecnológicos, ainda existem pessoas sem acesso a eletricidade e a alfabetização, fatores que impossibilitam o reconhecimento por todos. E no contexto do mundo da comunicação on-line não se pode negar que as Redes Sociais Virtuais têm afetado a forma como percebemos o mundo e as outras pessoas.

As redes podem ser encontradas em todo o cenário atual da sociedade: economia, cultura, religião, política, arte, ciência e tecnologia. E assim, a palavra “rede”² parece ter se tornado um chavão da moda, tanto quanto um modo de vida e de interação social. É evidente o vertiginoso aumento da inter-relação entre os indivíduos através do computador ou de outros mecanismos de acesso ao mundo virtual em detrimento da relação face a face. E nesse imenso-lugar-nenhum do mundo virtual, seja qual for o modo que se conceba o existir, as preferências, os gostos ou desajustes, certamente haverá um lugar onde se sentir abrigado, aceito e bem vindo. A multiplicidade da rede é imensa e a todos acolhe. Lévy (2009) chama o espaço virtual de “à nova morada do gênero humano” (p.150) e Souza (2013) esclarece que “o virtual se opõe ao atual, e não ao real, e não substitui o real, mas potencializa, multiplica as possibilidades de atualizá-lo.” (p. 43).

De acordo com os teóricos Kierkegaard e Halbwachs, que embasam essa pesquisa, somos seres de relação, e, para tanto, necessitamos estabelecer comunicação, ato essencial e biologicamente imprescindível ao homem. Através da comunicação, nos permitimos

2 Pierre Lévy chama “rede” o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. No presente trabalho usaremos o termo “rede” para designar comunicação mediada por computador (CMC).

conhecer e sermos conhecidos. Apreendemos o mundo a nossa volta, moldamos e somos moldados pelas relações que estabelecemos com o todo que nos circunda, num processo constante de mutabilidade. Processo que tem exigido novas habilidades pessoais e de grupo. A questão é precisar se a comunicação veiculada nas redes sociais, forma ou informa, isto é, se a quantidade de mensagens veiculadas são capazes de propiciar e problematizar questões que construam sentido e edifiquem a subjetividade de quem está diante da tela.

Estamos vivendo momentos de transformação que demandam mais rapidez dos nossos processos mentais, e na adequação a esse tempo acelerado, fugaz, cheio de atrações e repulsas num jogo contínuo e sempre impaciente, onde a palavra de ordem é comunicar. Mas comunicar o quê, para quem e por quê? Parece que não importa muito, desde que seja estabelecida a comunicação ou seria simplesmente que se transmita informação, já que nem tudo que informa comunica. Mais do que em qualquer outra era vivemos envolvidos num emaranhado de informação que quase sufoca e anestesia. Parece que todos os por quês encontraram uma resposta, se não final, ao menos presumível. Se não sabe procura na Internet, simples assim. Será?

Almeida (2009) analisando Kierkegaard afirma que através do excesso de informação e da confusão das mensagens veiculadas a “época atual transformou o existir em um exercício irreal e a realidade em um teatro vulgar e de péssima qualidade, distorcendo, manipulando, sufocando o existente no interior da própria existência” (p. 184).

Esta reflexão nos faz indagar sobre que tipos de discursos, relações e relacionamentos temos de fato estabelecido, construído através desses meios de comunicação que, torna-se cada vez mais de massa e para a massa, anulando o existir e tornando o indivíduo em só mais um simples elo numa rede ampla, contínua e complexa, submetido a uma cadeia de relacionamentos que apenas seduz e manipula.

É nesse contexto que se insere a crítica de Kierkegaard no sentido que o indivíduo é despersonalizado de si mesmo, e consciente ou inconscientemente, torna-se objeto das redes de poder e de dominação, tornando-se como afirma o pensador dinamarquês, mais um número a

contemplar as multidões à sua volta, a encher-se com ocupações humanas, a tentar compreender os rumos do mundo, este desesperado esquece-se a si mesmo, não ousa crer em si mesmo e acha demasiado ousado sê-lo e

muito mais simples e seguro assemelhar-se aos outros, ser uma imitação servil, um número, confundido no rebanho (KIERKEGAARD, 1974, p. 352)

Kierkegaard (1986) foi um árduo crítico dos meios de comunicação de sua época por entender que os mesmos nivelam os homens por baixo e que eles eram responsáveis “pela mentira, a baixeza e a injustiça que governam o mundo” (p. 57). A crítica é pertinente porque segundo o filósofo dinamarquês, os meios de comunicação estavam a serviço da Ordem Estabelecida onde “tudo era calculado para alimentar a confusão, por isso, pode ser denominada como a idade de ouro da conversa fiada e da tagarelice”³ (KIERKEGAARD, 1979, p. 78). A Ordem Estabelecida⁴ agora é denominada neoliberalismo e tem como máxima a fragmentação e a atomização das subjetividades, pois, quanto mais disperso, mais fácil dominar, manipular e ajustar socialmente. E onde essas coisas ocorrem, por conseguinte, há predomínio de uns sobre outros, supressão da liberdade, da construção de subjetividade legítima, que só pode existir mediante decisões que são únicas e pessoais. Ao invés disso o que vemos é a subjetivação, a moldagem que despersonaliza o homem e o submete aos caprichos do mercado, como coisa descartável.

Assim, no contexto da massa e da massificação fica abolida a subjetividade e legitima-se o processo de uniformização e homogeneização da vida humana. E em referencia a este processo de desconstrução e despersonalização da subjetividade, Guattari; Rolnik (2010) concorda com a crítica de Kierkegaard ao demonstrar “que o que interessa à subjetividade capitalista não é o processo de singularização, mas justamente esse resultado do processo: sua circunscrição a modos de identificação dessa subjetividade dominante” (p. 80).

Guattari; Rolnik (2010) em *Micropolítica: cartografias do desejo*, ao analisar o que é produzido pela subjetivação capitalista está muito próximo da crítica kierkegaardiana ao concluir que “trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de

³ Tradução da autora para: E dire che tutto è calcolato per alimentare la confusione, questa disgraziata fretta de caccia selvaggia. I mezzi di comunicazione divetano sempre più pregrediti, si stampa sempre più in fretta, con una fretta incredibile. Le counciazioni diventano sempre più attive e sempre più confuse.

⁴ Preferimos manter a grafia original de Ordem Estabelecida, conforme empregava Kierkegaard, com o objetivo de identificar como sinônimo a classe social detentora dos meios de produção e a Igreja Oficial Luterana. (nota da autora)

perceber o mundo” (p. 35). Quando há controle social, efetivamente não existe condição para a construção da subjetividade, então a personalidade e a sua atualização que ocorrem na interioridade como define Kierkegaard, que influenciado por Agostinho assume a interioridade como memória, ficam paralisadas estrategicamente pela engrenagem do próprio sistema.

Eis-me nos campos, nas cavernas e nos inumeráveis recessos da minha memória, repletos de todo gênero de objetos, presentes ou em imagens – como no caso dos corpos – ou em si mesmas, quando se trata das ciências, ou ainda através de não sei que noções e sinais, como acontece com os sentimentos da alma (a memória os conserva mesmo quando o espírito não mais os experimenta, embora tudo o que está na memória se encontra no espírito) (AGOSTINHO, 1997,p. 289)

O que Guattari; Rolnik avançam em direção ao pensamento do filósofo dinamarquês é que sua compreensão de subjetividade⁵ extrapola o âmbito da singularidade, mas, está de acordo ao sustentar a mesma tese desenvolvida por Kierkegaard (2010) em *Post-scriptum conclusivo não científico* quando afirma que: “a produção da subjetividade constitui matéria prima de toda e qualquer produção” (p. 36).

O que os dois pensadores criticam nos meios de comunicação é que eles estão a serviço de um sistema que tem como objetivo transformar tudo e todos em iguais, isto é, em uma sociedade planificada, uniformizada e homogeneizada porque fica mais fácil exercer o controle sobre os indivíduos. Exercendo esse controle, evidentemente a subjetividade se torna objetividade (todos são iguais), condição fundamental para se exercer o poder e negar a alteridade. Guattari; Rolnik (2010) entende a mídia “enquanto exposição de produtos, como uma espécie de supermercado, é algo que determina não só as formas de consumo da literatura, da arte, etc., mas também modeliza as formas de produção artística e literária” (p. 132). Almeida (2007) esclarece que o excesso de comunicação “atrapalha a verdadeira comunicação, constituindo-se no niilismo linguístico ao transformar tudo e todos em bandos, em massa de manobra, em desordem, numa abstração do sistema” (p.31). Procurando sintetizar Kierkegaard (2013) e Guattari; Rolnik (2010) a partir da crítica que estabelecem ao modelo social, Almeida (2007) assevera que o excesso de informação

⁵ Guattari usa singularidades (no plural) já que é uma indicação da negação da subjetividade enquanto singularidade, isto é, subjetividade segundo Kierkegaard.

veiculada pelas mídias comunicacionais “são na verdade ponderações prolixas, pretendendo tudo saber, mas que não consegue chegar ao íntimo do ser humano, vivendo de súmulas, mas incapaz de agir concretamente no dia-a-dia do existente” (p.30).

O indivíduo, conforme nos explicita Almeida (2007) é um ser que se perdeu de si mesmo e vive numa procura insana por algo que o faça sentir-se ser, mas, por não saber ou não querer de fato saber o que é ser, dia após dia cria e recria um novo alvo, uma nova meta que pareça aproximá-lo do fim da busca. No entanto, como não sabe o que procura, não há possibilidade que sua procura tenha fim. E esse processo o alimenta e o consome dia-a-dia. Para que esse indivíduo se transforme em existente, é necessário um árduo processo de interiorização, que vai possibilitar a educação a as condições para realizar o salto, conforme explica o autor, perder o ser é a condição de no devir ganhar a si mesmo.

Pascal citado por Bauman na sua obra *Tempos líquidos* observa que numa época distante, comentando seu tempo, ele foi profético para os dias atuais. Ou seja,

como Blaise Pascal observou profeticamente séculos atrás, o que as pessoas querem é “ser desviadas de pensar no que elas são... por uma nova e agradável paixão que as mantenha ocupadas, como o jogo, a caça, algum espetáculo empolgante” As pessoas querem fugir à necessidade de pensar em “nossa condição infeliz” e assim “preferimos a caça à captura”. “A lebre não vai nos livrar de pensar” nas formidáveis mais incuráveis imperfeições de nossa condição comum, “mas caçá-la vai” (BAUMAN, 2004, p. 111)

A lebre tão caçada é na verdade o sentido que dá razão à existência, ou melhor, “que transforme a vida em existência” (ALMEIDA, 2009, p.124). Existir implica necessariamente tornar-se uma subjetividade, tarefa única e pessoal de cada sujeito, que para tornar-se uma subjetividade, primeiro precisa reconhecer e chegar a um acordo com a própria existência que o constituiu. Ou para dizer de outra forma, a própria existência é um processo de tornar-se que habita o tempo do devir. Evidentemente que é fundamental estabelecer o que Kierkegaard constrói como subjetividade e que assumimos neste trabalho. Há uma concepção dominante de subjetividade que funda-se na filosofia moderna, especialmente a partir de Descartes, Leibniz e Kant e é compreendida como autoconsciência, isto é, cada ser é uma mônada, sintetizada na famosa tese do *penso, logo existo*. É uma concepção egocêntrica da subjetividade que descarta a relação com o outro, o

que infelizmente muitos acadêmicos ainda entendem como única concepção de subjetividade. Dessa forma, o outro é reduzido à condição de objeto, por isso, a famosa tese do senhor e do escravo desenvolvida por Hegel e retomada por Sartre. Em Kierkegaard subjetividade é relação, onde o

eu é uma relação, que não se estabelece com qualquer coisa de alheio a si, mas consigo própria. Mais e melhor do que na relação propriamente dita, ela consiste no orientar-se dessa relação para a própria interioridade. O eu não é a relação em si, mas sim o seu voltar-se sobre si própria, o conhecimento que ela tem de si própria depois de estabelecida. (KIERKEGAARD, 1974, p. 337).

Se o eu não existe ainda, é porque ele é devir, isto novamente coloca um grande problema, pois se está em devir, o homem enquanto subjetividade não está pronto, não é um ser acabado, mas em contínuo estado de inconclusividade, de abertura e de ambiguidade. Por isso, torna-se mais uma vez sensata a afirmação de que o homem é aquilo que a educação, a comunicação e os meios sociais fazem dele.

Entendendo o devir como um tempo longo cheio de altos e baixos, um ajustar constante da existência como condição fundamental para que se alcance a qualidade de “existente singular”, como conceber esse processo num mundo que busca a semelhança e nega a dessemelhança, onde a aceitação de modelos prontos e serializados, considerados perfeitos é a meta do momento? Kierkegaard em sua obra protesta todo o tempo contra isso, afirmando o quanto é imprescindível para o mundo, e que, talvez, seja essa a sua maior carência as “individualidades autênticas, subjetividades decididas, aquelas artisticamente permeadas de reflexão, que pensam por si mesmas, muito diferentes dos porta-vozes e dos doutrinadores”⁶ (p. 74).

Num mundo onde todos parecem iguais no vestir, falar e pensar, onde os aforismos são reproduzidos sem ponderação, a notícia do momento segue o momento sem que haja tempo para a sua reflexão e a afobação e a rapidez são marcas características, não é possível a edificação do indivíduo singular. Para Souza,

⁶ Tradução da autora para: “de individualidades, de subjetividades decisivas, artisticamente impregnadas de reflexión, que piensan por si mismas, que son muy diferentes de los voceros y adoctrinadores.”

pensando na produção de subjetividade na atualidade, compreendemos que as máquinas tecnológicas de informação e comunicação operam no núcleo da subjetividade humana, não apenas no seio de suas memórias, da sua inteligência, mas também da sua sensibilidade, dos seus afetos, dos seus fantasmas inconscientes (SOUZA, 2013,p. 78)

Assim, as relações, lugar onde a humanização se estabelece, têm se tornado espaço de criações despersonalizadas, camuflagens e enganos de todo tipo. Somos cada vez menos nós mesmos, bebemos todos os dias na mesma fonte insípida do homogêneo, nos escondemos por trás de máquinas e forjamos um mundo onde tudo é permitido e aceito, inclusive o não ser.

2.1 TEORIA DA MEMÓRIA COLETIVA EM HALBWACHS

Maurice Halbwachs dedicou-se a temas diversos como o suicídio ou a vida de trabalhadores numa vila operária alemã, buscando entender a formação da consciência social. Leal a esta temática aprofundou-se no estudo da memória, principalmente em três grandes obras: *Os quadros sociais da memória* de 1925, *Topografia legendária dos Evangelhos na Terra Santa* de 1941 e *A memória coletiva* (publicação póstuma) de 1950.

A questão central na obra de Maurice Halbwachs consiste na afirmação de que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. A origem de várias idéias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos a nós são, na verdade, inspiradas pelo grupo. A disposição de Halbwachs acerca da memória individual refere-se à existência de uma “intuição sensível”, onde

no primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos acontecimentos e das experiências que concernem ao maior número de seus membros e que resultam quer de sua própria vida, quer de suas relações com os grupos mais próximos, mais frequentemente em contato com ele (HALBWACHS, 1990, p.45).

Dessa forma a construção do conhecimento e o domínio sobre a memória geram e instituem uma identidade para o ator/agente social nela envolvido, no sentido de criar um espaço próprio dentro de uma rede de relações, mas, considerando conhecimento como

processo em constante refinamento e aprimoramento, é aplicável neste sentido a tese de Halbwachs (1990) quando postula que “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos” (p. 30). Assim, cada memória coletiva depende de grupos específicos que são delineadas pelo espaço e tempo, onde o grupo constrói a memória e as pessoas perpetram o trabalho de lembrar.

O pertencimento social está fundamentalmente conexo à idéia de grupo, de comunidade. Esse pertencimento, por sua vez, se associa a uma identificação com os demais, gerando uma identidade, uma ligação de grupo. A constituição da memória é, em cada indivíduo, uma combinação aleatória das memórias dos distintos contextos dos quais sofreu influência, e isso explicaria, em grande parte, porque as pessoas conservam memórias diferenciadas. Halbwachs (1990) fala da interdependência, de uma troca entre coletivo e individual na construção da memória e ressalta que, “haveria então memórias individuais e, se o quisermos, memórias coletivas. Em outros termos, o indivíduo participaria de duas espécies de memórias” (p.53). Se assim não fosse, cada indivíduo seria uma espécie em si mesmo, ou então, cada um seria o seu próprio Deus. Dessa maneira, as memórias não estão consolidadas nos corpos, mentes ou grupos, mas no conjunto da sociedade circundante, através dos diversos grupos que a compõe. Na obra de Halbwachs fica evidenciado como pressuposto básico à noção de que a memória deve estar sujeita aos seus suportes sociais, denominados de quadros sociais da memória. Halbwachs nos diz que,

um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade (HALBWACHS, 1990, p.54).

Somos seres de relação, o que implica principalmente em tempos de Internet e relações virtualizadas, uma multiplicidade de referências nos elementos que se tornam constituintes da nossa memória onde “cada um de nós, com efeito, é membro ao mesmo tempo de vários grupos, maiores ou menores” (HALBWACHS, 1990, p. 78)

Como parte de um todo complexo e multi-referencial somos alcançados por uma variada gama de influências e assim, construímos nossa memória a partir dessa variedade de apontamentos cruzados.

Em sua obra *Memória Coletiva* Halbwachs reflete acerca dos limites e interferências entre memória individual e coletiva. Ele chama a atenção para o fato de que,

acontece com muita frequência que nos atribuímos a nós mesmos, como se elas não tivessem sua origem em parte alguma senão em nós, ideias e reflexões, ou sentimentos e paixões, que nos foram inspirados por nosso grupo. Estamos então tão bem afinados com aqueles que nos cercam, que vibramos em uníssono, e não sabemos mais onde está o ponto de partida das vibrações, em nós ou nos outros. Quantas vezes exprimimos então, com uma convicção que parece toda pessoal, reflexões tomadas de um jornal, de um livro, ou de uma conversa. Elas correspondem tão bem a nossa maneira de ver que nos espantaríamos descobrindo qual é o autor, e que não somos nós (HALBWACHS, 1990, p. 47).

Halbwachs nos esclarece que podemos inconscientemente fazer apropriações de informações vindas a nós por meio de falas, escutas, leituras, enfim, de um mundo circundante onde estamos de tal forma em consonância, que se torna difícil separar o que é de fato meu daquilo que veio externamente e assimilamos como nosso. Estas constatações se fazem num contexto histórico-social limitado da época, onde as informações ainda não tinham a mesma velocidade e ferocidade dos dias atuais, e mesmo assim, já encontravam nas pessoas, na constituição de sua memória, tão surpreendente influencia.

Agora, tomemos estas comprovações levando em conta o acúmulo e a agilidade dos meios de comunicação atuais. É quase assustador se ponderarmos sobre a quantidade de todo o tipo de influencias que nos irradiam e persuadem com seu constante e persistente cortejo. A este respeito Halbwachs enfatiza que,

de qualquer maneira, na medida que cedemos sem resistência a uma sugestão de fora, acreditamos pensar e sentir livremente. É assim que a maioria das influencias sociais que obedecemos com mais frequência nos passam despercebidas (HALBWACHS 1990, p. 47).

Pensando em grupo social como um tecido de trama intrincada, composto de uma grande variedade de entrelaçamentos, podemos perceber que as novas tecnologias de comunicação mediada por computador trouxeram uma nova complexidade para a forma

como essa trama tem se estruturado, uma vez que, a concepção de coletivo, de grupo social passa a adquirir outras emoldurações, e estas, instituindo outros conceitos. Sendo que para Halbwachs (1990) “o homem se caracteriza essencialmente por seu grau de interação no tecido das relações sociais” (p. 21).

Há aqui uma ampliação dos conceitos de Halbwachs, uma vez que, ele não concebia em seus pressupostos, quando da escrita da obra, no que se refere ao conceito de memória coletiva por ele elaborado, o que estamos vivenciando nos dias atuais promovidos pelas novas tecnologias de comunicação e informação. À época, as relações sociais eram baseadas em outros modelos, não menos importantes ou fundamentais, mas diferentes dos dias atuais. As pessoas tinham um núcleo familiar, uma parentela, amigos, colegas de trabalho, vizinhos e todos os demais membros do corpo social. No entanto, as relações estabelecidas eram presentes e presentificadas em comunidades físicas, visíveis e reais. Os limites de fato existiam. Só uma coisa não mudou: ainda hoje as comunidades (redes) de relações são mantidas por algum tipo de interesse ou objetivo comum. Além disso, as comunidades podem se sobrepor e muitas vezes são acumuladas. E dado ao estilo multifacetado da vida moderna, qualquer indivíduo é muitas vezes uma parte de muitas comunidades diferentes.

2.2 “VIRTUAL(AIS)”: PARA ENTENDER MELHOR O CONCEITO

Temos assistido, na contemporaneidade, emergir um outro espaço quando se aborda a interação, troca e constituição de relações histórico-sociais: é o espaço virtual, ou o ciberespaço. Lévy (1996) em seu livro *O que é o Virtual* aborda, de maneira abrangente, as consequências que a virtualização tem gerado na sociedade moderna. Através de um enfoque contextualizado e reflexivo, o autor constrói o conceito de virtual, ou seja, o “virtual não é o contrário de real, mas sim tudo aquilo que tem potencialidade para se concretizar. Assim, o virtual seria uma potência, um devir outro do ser humano” (p. 17).

É frequente a associação do termo virtual com a Internet, os meios digitais e as tecnologias ligadas aos computadores de uma maneira geral. No entanto, este termo é muito mais abrangente e alcança diferentes sentidos e significados. No livro *Cibercultura*, Pierre Lévy mostra um quadro onde caracteriza esses conceitos.

	Definição	Exemplos
Virtual no sentido comum	Falso, ilusório, irreal, imaginário, possível	
Virtual no sentido filosófico	Existe em potencia e não em ato, existe sem estar presente	A árvore na semente (por oposição à atualidade de uma árvore que tenha crescido de fato) / uma palavra na língua (por oposição à atualidade de uma ocorrência de pronuncia ou interpretação)
Mundo virtual no sentido da possibilidade de calculo computacional	Universo de possíveis calculáveis a partir de um modelo digital e de entradas fornecidas por um usuário	Conjunto das mensagens que podem ser emitidas respectivamente por: - programas para edição de texto, desenho ou música; - sistema de hipertexto; - bancos de dados; - sistemas especializados; - simulações interativas, etc.
Mundo virtual no sentido do dispositivo informacional	A mensagem é um espaço de interação por proximidade dentro do qual o explorador pode controlar diretamente um representante de si mesmo	- mapas dinâmicos de dados apresentando a informação em função do “ponto de vista”, da posição ou do histórico do explorador; - RPG* em rede; - videogames; - simuladores de vôo; - realidades virtuais, etc.
Mundo virtual no sentido tecnológico estrito	Ilusão de interação sensório-motora com um modelo computacional	Uso de óculos estereoscópicos, datagloves para visitas a monumentos reconstituídos, treina mentos em cirurgias, etc.

**Role Playing Games, jogos onde cada participante assume um papel ou personalidade dentro de uma aventura.*

Figura 1. Os diferentes sentidos do virtual, do mais fraco ao mais forte (LÉVY,1999, p.74)

Assim, podemos perceber que virtual possui sentidos variados, que se alteram conforme a área do conhecimento. Souza (2013) afirma que “a produção de subjetividade é o que possibilita esse processo de passagem do virtual para o real, da potencia ao ato” (p.42).

Numa abordagem mais ampla ao longo das suas obras, o filosofo francês, apresenta sua teoria enfocada nas novas tecnologias da comunicação, e afirma que o fenômeno da virtualização afeta os corpos, a economia, a sensibilidade e a inteligência das pessoas. Prova disso é que, devido às tecnologias de comunicação, o comportamento do mundo vem sendo modificado, ou seja: está acontecendo uma re-configuração das civilizações, a partir dos efeitos dos novos meios de comunicação. Mas é no aspecto cognitivo que o autor acredita ocorrer o maior impacto dessas novas tecnologias. Para Lévy (1996), a

“virtualização proporciona grandes alterações na inteligência das pessoas, ao possibilitar uma maior troca de experiências e uma maior interação entre indivíduos de diferentes partes do mundo” (p. 17). Ocorre o que esse pensador denomina de “inteligência coletiva”, possibilitada e potencializada pelas novas tecnologias de comunicação. Esse fenômeno é marcado por uma maior interatividade, uma constante troca de informação que gera um conhecimento coletivo, aperfeiçoado e dinâmico. Segundo o autor, está acontecendo uma desterritorialização do texto, devido a sua digitalização e ao surgimento da *World Wide Web*⁷ que tem o hipertexto como principal ferramenta. Esse hipertexto⁸ - uma série de "ligações" dentro de um texto - enriquece consideravelmente a nossa capacidade de leitura, atuando também na inteligência coletiva. Assim, podemos considerar que estamos vivenciando um estágio de desenvolvimento virtual da sociedade contemporânea que tem afetado os domínios da história, da identidade e da memória.

Estamos vivendo num mundo tecnológico, principalmente através das mídias informáticas, e particularmente a Internet. Inundados por esse entrelace de dados e informações, arrastados e envolvidos como numa onda quase involuntária, somos levados a uma “adequação” a esse novo sentido virtualizado de existir no mundo que tem afetado nossas percepções mentais, corporais e sensoriais, pois, o emaranhado da tecnologia juntamente com as práticas culturais se desdobrou em novas formas de auto-expressão e intercomunicação.

2.3 A NECESSIDADE DE UMA REVISITAÇÃO DO CONCEITO DE MEMÓRIA COLETIVA À LUZ DAS NOVAS MANEIRAS DE CONCEBER O COLETIVO

Analisando sob o foco da mídia e suas múltiplas formas de influência, é pertinente considerar os estudos de Halbwachs que objetiva sua investigação nos quadros sociais e não na memória individual, pois, o homem é um ser social e, portanto, todas as lembranças estão relacionadas há algum tempo/momento, a alguma pessoa e envolve os espaços destas lembranças que são sociais e determinadas.

⁷ É a parte visual da Internet, onde estão as páginas eletrônicas da rede. É a interface gráfica da Internet.

⁸ É o termo que remete a um texto em formato digital, ao qual agrega-se outros conjuntos de informação na forma de blocos de textos, palavras, imagens ou sons, cujo acesso se dá através de referências específicas denominadas hiperlinks, ou simplesmente link

Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios (HALBWACHS, 1990, p.51).

Por conseguinte, toda memória é a construção e reconstrução do passado que faz uso dos quadros sociais, dessa forma, às memórias individuais são dependentes das memórias coletivas, e ainda podemos dizer que a memória social pode designar um conjunto de fenômenos psicossociais da memória na sociedade. Para Halbwachs (1990) “não há um tempo universal e único, mas a sociedade se decompõe em uma multiplicidade de grupos, nos quais cada um tem sua duração própria” (p. 127).

Embora tenhamos afirmado anteriormente, mas em função da relação com a concepção de Halbwachs, essa tese é pertinente com a concepção desenvolvida por Kierkegaard (2010, 2013) em relação à interdependência entre o indivíduo singular e o grupo social quando enfatiza que “o homem é indivíduo e, como tal, ao mesmo tempo ele mesmo e todo o gênero humano de maneira que a humanidade participa toda inteira do indivíduo e o indivíduo participa de todo gênero humano” (p.30) bem como a constatação de que a cada momento “o homem é ele mesmo e o gênero humano [...] a perfeição em si mesma consiste, pois, em participar completamente na totalidade. Nenhum indivíduo é indiferente à história do gênero humano, e nem esta é indiferente a história do indivíduo.” (p.31)

A concepção da relação entre memória individual e memória coletiva em Halbwachs (1990) permite um diálogo fecundo com a concepção da inseparabilidade da pessoa singular e do grupo social como Kierkegaard (2010, 2013) desenvolve que procuramos evidenciar nas citações acima. De um lado esse diálogo, mesmo que inicial, é uma grande contribuição para a discussão em torno da subjetividade como desenvolvida por Kierkegaard, pois, permite superar uma visão estereotipada e equivocada dessa concepção na ótica do pensador dinamarquês disseminada no Brasil, sobretudo por grupos da filosofia do esclarecimento alemão e grupos marxistas que só concebiam uma visão unilateral da subjetividade como propunham Descartes, Kant, Leibniz, Hegel entre outros.

No muito tempo⁹ (IBOPE, 2013) dedicado à presença na web¹⁰ não nos apercebemos o quanto a nossa capacidade mnemônica têm sido abalada, modificada e resignificada por esses novos hábitos, e estes, nos transformando numa sociedade cada vez mais individualizada, isolada e vazia de emoções. E quando nos tornamos indivíduos desprovidos de experiências de vida relacional, estamos também despossuídos de memória, e que estas, estão sendo substituídas por dados frios, vazios, distantes e estanques.

Estamos nos tornando despossuídos de memórias construídas através das relações coletivas por conta do distanciamento físico das relações virtuais? Para encontrar resposta a esse questionamento nos ancoramos no conceito cunhado por Halbwachs de memória coletiva. Esse conceito é aqui evocado para designar as memórias que, em seu processo de construção, são objeto de discursos individuais que geram práticas coletivas por parte de grupos sociais bem definidos. Digo definido por considerar as relações estabelecidas através dos meios virtuais como relacionais de fato. Nos dizeres do autor,

assim quanto mais seguimos de perto a realidade, melhor vemos que a sociedade, longe de uniformizar os indivíduos, diferencia-os: na medida que os homens “multiplicam suas relações... cada um deles toma cada vez mais consciência de sua individualidade (HALBWACHS 1990, p.22).

A tese defendida por Halbwachs (1990) está novamente em sintonia com Kierkegaard (2005) quando estabelece a indissociável relação entre o individual e o coletivo, entre a singularidade humana e o grupo social a que pertence, e quanto mais engajado na construção da própria existência estiver, mas construirá consciência da responsabilidade consigo e com o próximo. Próximo aqui entendido como “o próximo é o outro tu, ou bem exatamente o terceiro da igualdade. O outro si, o outro eu” (p.73).

Quem é esse próximo? Kierkegaard (2005) responde em *As Obras do Amor* que o próximo “são todos os homens, mas considerados singularmente” (p.75); “o próximo é o igual” (p.81). Isso quer dizer que na categoria do próximo não há lugar para a predileção, corporativismo, isto porque, cada homem em sua irreduzível subjetividade se constitui

⁹ No ranking de tempo de uso por pessoa, as páginas de redes sociais ocupam a primeira posição, com a soma de nove horas e 59 minutos. Na sequência aparecem as páginas de jogos online, com aproximadamente duas horas e 52 minutos e e-mails, com duas horas e 28 minutos.

¹⁰ Web é uma palavra inglesa que significa teia ou rede. O significado de *web* ganhou outro sentido com o aparecimento da internet. A web passou a designar a rede que conecta computadores por todo mundo, a World Wide Web (www)

como individuação na relação que se estabelece com o outro, quer seja esse outro o primeiro tu, o grupo social, a família ou o Estado.

A memória ao mesmo tempo em que constitui a identidade pessoal, também constitui a sociedade com suas contradições e especificidades, mas sempre no presente. E quais são os lugares da memória em um mundo cada vez mais virtualizado? Halbwachs nos diz que,

os grupos, no seio dos quais outrora se elaboraram concepções e um espírito que reinara algum tempo sobre toda sociedade, recuam logo e deixam lugar para outros, que seguram, por sua vez, durante certo período, o cetro dos costumes e que modificam a opinião segundo novos modelos (HALBWACHS, 1990, p.67).

É fato que a história do homem e das sociedades tem atestado que todas as revoluções ou ondas que, com calma ou abrupta ousadia, mudaram a face do mundo e das relações sociais numa perspectiva dialética, sempre encontraram no espírito humano a maleabilidade e a capacidade de lhes imprimir um ritmo e uma desenvoltura que são conexos ao existir humano, e que deste, não pode prescindir.

Mesmo que numa conjuntura diferente, é pertinente quando analisamos o contexto das relações virtuais sob o que postula Halbwachs quando afirma, que

quando dizemos que o indivíduo se conduz com a ajuda da memória do grupo, é necessário entender que essa ajuda não implica na presença atual de um ou vários de seus membros. Com efeito, continuo a sofrer a influência de uma sociedade ainda que tenha me distanciado: basta que carregue comigo em meu espírito tudo o que me capacite para me posicionar do ponto de vista de seus membros, de me envolver em seu meio e em seu próprio tempo, e de me sentir no coração do grupo (HALBWACHS, 1990, p. 121)

A memória é absolutamente relevante. Ela nos conecta a vida de outros. E, inexoravelmente, somos resultado das nossas conexões com as pessoas e o mundo circundante numa relação contínua de atração, repulsão e todos os afetos envolvidos no relacionar. E cada uma dessas conexões nos propõe contextos e circunstâncias que vão se acomodar em nossa memória, modelando em nós o sentido de existência.

Sendo assim, acredito que a virtualização das relações está se apresentando como um novo espaço de constituição de memória, tempo e história, o que demanda outros referenciais, outros lugares e outros tempos para sua apreciação. E a relação entre memória

e comunidade, sua aproximação, faz conexão entre memória e tempo, sendo ambos de natureza social e num tempo que também é social.

3 A SUBJETIVIDADE EM KIERKEGAARD

Toda a vida humana poderia ser concebida como um grande discurso em que diferentes pessoas vêm para representar diferentes partes do discurso. Quantas pessoas são apenas adjetivos, interjeições, conjunções, advérbios; quão poucos são substantivos, palavras de ação, etc; quantas são cópulas. As pessoas em relação umas às outras são como verbos irregulares em várias linguagens - quase todos os verbos são irregulares.

Kierkegaard, Diários, Março de 1836

É constante vermos na raiz das tentativas filosóficas que se deram ao longo da história, razões da ordem da reforma do conhecimento, da política e da moral. Em Kierkegaard não encontramos, estritamente, nenhuma dessas motivações tradicionais. A posição de Kierkegaard produz estrategicamente dúvidas a respeito do caráter filosófico de seu pensamento. A visão oficial ainda insere Kierkegaard na esfera de um pensador mais religioso do que de um filósofo. Para além das minúcias que essa distinção envolveria, cabe verificar o que ela pode trazer de esclarecedor acerca do estilo de pensamento de Kierkegaard que dialoga e confunde ao mesmo tempo com a literatura, com a poesia, com o teatro, com a teologia e finalmente com a própria filosofia. Pode-se perguntar, por exemplo, quais as questões fundamentais que lhe motivam a reflexão, ou então, qual a finalidade que ele intencionalmente deu à sua obra.

Refletir sobre o pensamento de Kierkegaard, nos dias atuais é entrar numa briga de Titãs, e motivo para mobilizar nas pessoas tanto a aceitação como a rejeição. Pois, estamos numa época onde a subjetividade é a todo o tempo induzida à sujeição, a se conformar em moldes criados para a massa e não para o sujeito singular, onde as pressões sociais são no sentido da despersonalização, homogeneização e da reprodução inconsciente de modos de vida, ações e pensamentos. Gouvêa em seu livro *Paixão pelo Paradoxo*, referindo-se a Kierkegaard informa que,

esta é a significância de Kierkegaard: não o fato de que ele influenciou e foi apropriado de várias maneiras pelos mais importantes filósofos e teólogos do século 20; e não o fato de que seus escritos, cento e cinquenta anos mais tarde, ainda falam a nós, nos confrontam, nos irritam, nos compelem, nos fascinam, nos chocam, nos movem, nos convencem e pedem-nos uma resposta! Esta é a real significância de Kierkegaard e o real valor de seus escritos. Kierkegaard estava certo quando disse: “As

condições estão longe de serem confusas o suficiente para que se faça uso correto de mim. Mas isto tudo terminará, como eles verão, com as condições tornando-se tão desesperadas que eles terão que fazer uso de pessoas desesperadas como eu e meus semelhantes”. As condições desesperadas que Kierkegaard esperava já se fazem presentes (GOUVÊA, 2006, p. 30)

3.1 O HOMEM SOREN KIERKEGAARD E A SUA OBRA

Para uma melhor compreensão tanto das questões, quanto das proposições abordadas neste estudo, acreditamos ser importante conhecer alguns dados sobre a vida de Soren Aabye Kierkegaard, pois, ele é um dos raros autores cuja vida exerceu profunda influência no desenvolvimento da sua obra, de maneira que, ao apresentar o pensador, estamos apresentando ao mesmo tempo a própria subjetividade.

Os tormentos, amarguras e lutos que o seguiram por toda a vida estão expressos em seus textos, incluindo a relação de aflição e agonia que ele manteve com o cristianismo – herança de um pai muito religioso, que cultuava de maneira exasperada os rígidos princípios do protestantismo dinamarquês, religião de Estado. Também, é necessário ressaltar que para além da melancolia e da agonia, existia um Kierkegaard que viveu momentos de alegria e que frequentava bares e teatros da cidade de Copenhague, estabelecendo uma relação tão íntima com as pessoas das ruas que as conhecia pelo nome próprio. Dessa forma, estaremos contribuindo também para superar um dos estereótipos mais presentes nas leituras de Kierkegaard que o via apenas como alguém depressivo, neurótico e melancólico.

Sétimo filho do segundo casamento de seu pai – nasceu em 1813, quando o pai, rico comerciante de Copenhague, estava com 56 e a mãe 44 anos –, chamava a si mesmo de "filho da velhice" e teria seguido a carreira de pastor caso não houvesse se revelado um estudante licencioso e boêmio. Trocou a Universidade de Copenhague, onde entrara em 1830 para estudar filosofia e teologia, pelos cafés, os teatros, a vida social da cidade.

Foi só em 1837, com a morte do pai e o relacionamento com Regine Oslen (de quem se tornaria noivo em 1840), que sua vida se transformou. O noivado, em particular, exerceria uma influência categórica em sua obra. A partir daí, seus textos tornaram-se mais

intensos e seu pensamento, mais religioso. Foi também em 1840 que Kirkegaard conclui o curso de teologia, e um ano depois apresentava sua tese de doutorado intitulada *Sobre o Conceito de Ironia*.

Esse é o período da segunda grande mudança em sua vida. Em vez de pastor e pai de família, Kierkegaard escolheu a solidão e a melancolia. Para ele, esse era o único modo de vivenciar sua fé. Rompeu o noivado um ano depois e viajou, ainda em 1841, para a Alemanha. A crise vivida por um homem que, ao escolher o pacto radical com a transcendência, descobre a necessidade da solidão e do distanciamento mundano, está escrito em *Diários*.

Na Alemanha, foi aluno de Schelling e esboça alguns de seus textos mais importantes. Volta a Copenhague em 1842 e em 1843 publica *A Alternativa*, *Enten-eller, Três Discursos Edificantes*, *Quatro Discursos Edificantes*, *Temor e Tremor* e *A Repetição* (os dois últimos publicados no mesmo dia). Em 1844 é publicado *Migalhas Filosóficas* e *O Conceito de Angústia*. Um ano depois, *Os Estádios no Caminho da Vida* e, em 1846, o *Pós-escrito conclusivo não científico as Migalhas Filosóficas*; em 1847 *As Obras do Amor e Discursos Edificantes em Diversos Espíritos*; em 1848 publica *Discursos Cristãos* e escreve *Ponto de vista Explicativo da Minha Obra como Escritor* (que só foi publicado em 1859). Em 1849 publica *O Desespero Humano e Três Discursos para a Comunhão de Sexta-feira*. Sua última obra data de 1850, *Prática do Cristianismo*.

A maior parte desses escritos constitui uma tentativa de explicar a Regine, e a ele mesmo, os paradoxos da existência religiosa. Kierkegaard organiza seu pensamento a partir do exame concreto do homem religioso historicamente situado. Assim, a filosofia adquire, a um só tempo, o caráter socrático do auto-conhecimento e o esclarecimento reflexivo da posição do indivíduo diante da verdade cristã. Polemista por excelência, Kierkegaard rompeu com a Igreja oficial da Dinamarca, com a qual teve grandes e acirradas contendas, e foi maldito pelo semanário satírico *O Corsário*, de Copenhague. Em 1849, publicou *Doença Mortal* e, em 1850, *Escola do Cristianismo*, em que analisa a deterioração do sentimento religioso. Morreu jovem com apenas 42 anos em 1855.

3.2 A CONCEPÇÃO DA SUBJETIVIDADE EM KIERKEGAARD

O Pós-escrito conclusivo não científico às migalhas filosóficas de Kierkegaard escrito e publicado em 1846 estabelece uma acirrada crítica à compreensão da subjetividade como era entendida pela tradição filosófica até Hegel. Se em Descartes, Leibniz, Kant, Hegel, só para citar os mais importantes, a subjetividade era entendida como autoconsciência, o eu-eu do Fichte, por exemplo, é uma boa demonstração, o filósofo dinamarquês desloca a subjetividade da consciência e num retorno a Agostinho a insere no interior do indivíduo singular. Como é preciso esclarecer ao leitor e apresentar elementos que sustentem essa mudança na segunda parte da respectiva obra no primeiro capítulo intitulado *tornar-se subjetivo*, é apresentada ao leitor uma densa análise do processo que possibilita o desenvolvimento ou a elaboração da subjetividade.

Na obra *A doença mortal* redigida em 1849 e publicada no Brasil em 1974, Kierkegaard (1974) evidencia o processo que transforma a subjetividade-singularidade em subjetivação, onde “o eu não é a relação em si, mas sim o seu voltar-se sobre si própria, o conhecimento que ela tem de si própria depois de estabelecida” (p. 337).

O núcleo de sustentação da abordagem reside na superação da subjetividade cartesiana e reduzida a uma consciência sobre si e sobre o outro, para uma compreensão da subjetividade como singularidade relacional e responsável por si e pelo próximo, portanto, uma subjetividade ética como ele mesmo estabelece como título e como conteúdo no terceiro capítulo da segunda parte intitulado *a subjetividade real, aquela ética, o pensador subjetivo*. Ora, o que é um pensador subjetivo? A resposta é amplamente evidenciada no segundo capítulo que é denominado de *a verdade subjetiva, a interioridade; a verdade é a subjetividade*, onde Kierkegaard nos informa que

a reflexão da interioridade é a dupla reflexão do pensador subjetivo. Ao pensar, ele pensa o universal, mas, como existente em seu pensamento, como o adquirindo em sua interioridade, ele se isola cada vez mais subjetivamente (KIERKEGAARD, 2013, p.76).

Portanto, trata-se de uma investigação sobre a subjetividade da verdade e da verdade da subjetividade. Para além das teorias filosóficas, para o pensador dinamarquês, a verdade não é uma definição, uma síntese, mas uma apropriação que se faz vida e que transforma radicalmente o indivíduo singular, de forma que não possa haver hiato entre a verdade e

quem a vive ou a comunica. Nesse sentido, tornar-se indivíduo singular e tornar-se verdadeiro equivale-se porque um torna-se testemunho do outro.

Para esclarecer ao leitor, analisaremos o que Kierkegaard compreende como pensador objetivo e pensador subjetivo. De acordo com o autor, o pensador objetivo é interessado na verdade objetiva, enquanto o pensador subjetivo está interessado na verdade subjetiva. Verdade objetiva inclui a verdade histórica e a verdade filosófica. A verdade objetiva é caracterizada pela exterioridade, enquanto a verdade subjetiva é caracterizada pela interioridade. Dessa forma, constata-se que,

enquanto o pensamento objetivo é indiferente quanto ao sujeito que pensa e à sua existência, o pensador subjetivo está, como existente, essencialmente interessado em seu próprio pensamento, está existindo nele. Por, isso, seu pensamento tem outro tipo de reflexão, ou seja, o da interioridade, da posse, pelo qual ele pertence ao sujeito e a ninguém mais. Enquanto o pensamento objetivo investe tudo no resultado e leva toda a humanidade a trapacear, copiando e repetindo de cor o resultado e a resposta, o pensamento subjetivo investe tudo no devir e omite o resultado, em parte porque este justamente pertence a ele, já que ele possui o caminho, e em parte porque ele, como existente, está continuamente no devir, como todo ser humano que não se deixou enganar para tornar-se objetivo, para converter, de modo não-humano, na especulação (KIEKEGAARD,2013, p.76).

O pensador objetivo não encontra uma felicidade eterna na verdade subjetiva, e é desinteressado na verdade da subjetividade. O pensador objetivo é interessado no que define a existência, enquanto o pensador subjetivo está interessado em como a existência está definida. A verdade subjetiva inclui a verdade religiosa. O pensador objetivo é indiferente para a verdade da subjetividade, enquanto o pensador subjetivo encontra uma felicidade eterna na subjetividade.

Para o pensador subjetivo, a felicidade eterna é um bem absoluto, que é alcançada pela fé, mas na temporalidade. Absoluto aqui é entendido como o ato mais decisivo e mais importante para a singularidade. A fé é uma interioridade apaixonada que afirma a verdade da subjetividade em um primeiro momento, para depois de edificar-se, tornar-se a própria verdade. Para o pensador nórdico, a verdade não é um conceito, é uma vida. A síntese entre tempo e eternidade é realizada no instante da decisão do indivíduo singular, dessa forma,

tem-se a primeira compreensão da subjetividade: inaugurar-se a si mesmo a partir do dom que é oferecido, em tarefa de tornar-se si mesmo.

A reflexão sobre a natureza da existência pode ser objetiva ou subjetiva. A verdade pode ser refletida objetiva ou subjetivamente. Como foi evidenciado anteriormente, o pensador objetivo encontra a verdade por aproximação, enquanto o pensador subjetivo encontra a verdade por apropriação. O pensador objetivo tem necessidade de quantificar a certeza ou a probabilidade, enquanto o pensador subjetivo, finalmente, deve aceitar a incerteza. Dessa forma, a fé não pode ser alcançada por uma aproximação, ou por um esforço para quantificar o pensar em um maior grau de segurança. A fé só pode ser alcançada por uma apropriação ou aceitação da condição de incerteza. Assim, a fé exige um salto da descrença para a crença. A fé é um estado de incerteza objetiva em que o indivíduo afirma sua própria subjetividade. A fé é uma categoria da tomada de decisão em que o indivíduo enfrenta uma escolha frente à situação, aceitando ou rejeitando a subjetividade.

Kierkegaard (2013) evidencia que a falsidade da objetividade pode ser revelada pela falta de necessidade de um compromisso pessoal, e pela falta de necessidade de tomada de decisão, enquanto a verdade da subjetividade pode ser revelada por uma necessidade de compromisso pessoal e de tomada de decisão. O pensador especulativo tenta se destacar a partir de sua própria existência, e tenta visualizar a existência objetiva. “O sujeito existente é eterno, mas, enquanto existente, ele é temporal” (p.85)

Kierkegaard (2008) na obra *Migalhas Filosóficas* retoma a questão proposta por Platão sobre se é possível aprender a verdade. Ele na referida obra entende que a verdade é um paradoxo. Mas, o que isto significa? Que a verdade não é um conceito é uma apropriação existencial. A filosofia desde os seus primórdios definia a verdade como identificação entre pensamento e ser ou então como adequação entre o conceito e a realidade. Nesse sentido, a verdade era uma determinação da lógica e da metafísica. Não era importante o conteúdo da verdade, mas se sua definição obedecia aos critérios da lógica, como no famoso silogismo em que se afirma na premissa maior que todos os homens são mortais; no termo médio que Sócrates é homem e na conclusão que Sócrates é mortal porque é derivado da premissa maior. Segundo a concepção de homem conforme considera Sidekum, onde

o homem é o ser que tem consciência de si, de seu mundo e de sua abertura histórica. A consciência relaciona-se no espaço e no tempo. O homem interroga-se, de maneira peculiar e sempre nova, sobre o que significa sua existência. Este é o princípio da liberdade. A busca de sua totalidade (SIDEKUM, 1997,p. 31).

Assim, o que não se considerou no silogismo é que tipo de homem é Sócrates e de que tipo de morte se aborda.

A verdade pode ser objetivamente definida como uma interioridade apaixonada, e que pode mudar em profundidade e intensidade de acordo com a experiência do pensador subjetivo. Interioridade é um infinito ético no qual o indivíduo pode encontrar a felicidade eterna. Estamos no limiar da segunda compreensão da subjetividade em Kierkegaard, a subjetividade como interioridade ética, como ele mesmo afirma no *Pós-escrito conclusivo* no terceiro capítulo da segunda parte intitulado *A subjetividade real, aquela ética, o pensador subjetivo* onde afirma que “a realidade ética é a única que existe para o indivíduo existente” e que o

ético é e sempre será a mais alta tarefa atribuída a qualquer ser humano. Pode-se exigir também de um cultor da ciência que ele se tenha compreendido a si mesmo eticamente, antes de se dedicar à sua área de estudo, que continue a compreender a si mesmo eticamente durante todo seu trabalho, porque o ético é a respiração eterna e, em meio a solidão, a comunhão reconciliadora com todo ser humano. (KIERKEGAARD, 2013, p.157)

Kierkegaard (2013) esclarece que saber a verdade da existência pessoal é estar ciente da incerteza, “aquele que é existente está continuamente em devir; o pensador subjetivo verdadeiramente existente repercute isso continuamente, pensando, em sua existência, e investe todo o seu pensamento no devir”. (p. 89)

A verdade não é um conjunto abstrato de relações, ou um estado imutável de ser. A verdade é encontrada na existência do pensador subjetivo, e é mais apaixonadamente apropriada pelo pensador subjetivo, na sua progressão do estético para o ético, e depois para a fase religiosa de existência. O pensador subjetivo está sempre em um estado de devir. A paixão do pensador subjetivo pode ser revelada por um aprofundamento da interioridade, e por um aumento da subjetividade. Ser é um processo de tornar-se, e é, portanto, um estado de incerteza.

Kierkegaard descreve a filosofia de Hegel como representando um modo especulativo de pensar. Enquanto Hegel demonstra a verdade como um processo histórico-mundial contínuo, e como o devir de uma realidade absoluta, Kierkegaard descreve a verdade como um salto de fé e, como o devir da subjetividade do indivíduo. Enquanto o pensamento especulativo reflete sobre coisas concretas abstratamente, o pensamento subjetivo reflete sobre coisas abstratas concretamente. Do exposto, pode-se inferir que para Hegel a verdade é fruto de uma demonstração lógica, para Kierkegaard, ela é a própria subjetividade que testemunha a coerência entre o que se entende por verdade e a sua própria execução enquanto ser verdadeiro.

Kierkegaard (2013) admite que a subjetividade se torna cômica quando está fora de lugar, ou seja, quando a subjetividade é interpretada como objetividade. O pensador subjetivo pode tornar-se cômico ou trágico quando ele tenta conseguir uma certeza objetiva (ou o mais alto grau possível de probabilidade) sobre um aspecto da verdade que só pode ser conhecida pela fé. O pensador subjetivo pode também tornar-se cômico ou trágico quando ele falsamente finge ser infinitamente interessado em alcançar a felicidade eterna. Nas palavras do autor “o cômico verdadeiro está em que o infinito pode operar num ser humano se que ninguém, ninguém o perceba” (p.94)

3.3 AS CATEGORIAS DE SUBJETIVIDADE EM KIERKEGAARD

Como foi evidenciado no tópico anterior a subjetividade é a verdade. E a verdade está na intensidade de uma vida vivida e sentida em todos os seus aspectos. A subjetividade real, como afirma Kierkegaard (1993) “não é aquela cognoscente, porque com o saber o homem se encontra no meio da possibilidade, mas é uma subjetividade ética existente” (p. 432). Esta é uma afirmação fundamental para a estrutura da presente dissertação porque compreende-se que nessa perspectiva, tem-se a subjetividade que não é verdadeira, portanto, trata-se de uma representação da subjetividade. Ainda mais importante, quando o filósofo de *A Doença Mortal*, define a subjetividade verdadeira como aquela ética, como consta na obra *Pós-escrito* de 1846. Ora, nas redes sociais, especialmente no âmbito delimitado para o nosso estudo, que é o Facebook, que tipo de subjetividade se apresenta ou se esconde por detrás das telas e dos dispositivos móveis de comunicação?

De forma muito didática e pedagógica, o pensador dinamarquês evidencia alguns tipos ou modos de existência, ou ainda esferas existenciais onde o leitor da sua época e o leitor atual poderia ver-se a si mesmo como se fosse num espelho. São os famosos estádios estético, ético e religioso. É preciso atenção, pois trata-se de uma abordagem propedêutica e não definitiva da compreensão da estrutura da obra de Kierkegaard, como afirma Almeida (2009) na obra *Ética e Existência em Kierkegaard e Levinas*.

- (a) O *estádio estético* é uma fase em que o indivíduo está interessado em deleite, diversão e nas experiências sensoriais e prazerosas. O *estádio estético* não é caracterizado pelo engajamento apaixonado e compromisso pessoal, que são característicos dos estádios superiores da existência. O esteta só está preocupado com o seu prazer pessoal, e porque o prazer estético é tão fugaz, um esteta não tem estrutura sólida para fazer escolhas consistentes e coerentes, vivendo como escravo dos seus sentidos, e assim, todas as suas escolhas são baseadas no critério do prazer. O esteta permanece do lado de fora da vida como um espectador, e continuamente busca novas e diferentes experiências da abstração generalizada do prazer escolhido, para logo em seguida descartá-las, movendo-se para um novo. Desta forma, o esteta evita prazeres intensos ou dores associadas com intimidade e compromisso (se a um amor, um amigo, uma causa) e, portanto, ele deve distrair-se continuamente com uma variedade de pessoas, experiências, ou vocações. Eventualmente, os prazeres do esteta se desgastam, o que torna a sua procura por novos prazeres sempre constante. A impulsividade, o descompromisso e o hedonismo são características marcantes do *estádio estético*. O esteta não possui uma relação com si mesmo. Durante esta fase, é provável que a pessoa possa desenvolver sentimentos de vazio e falta de sentido (a nossa definição moderna de angústia). Kierkegaard considera a angústia como uma abertura que pode levar a um caminho melhor, mais significativo para a vida, afinal, é a angústia a medida da maturidade da existência humana, quanto maior a angústia, maior o homem. O propósito da vida no *estádio estético* é a satisfação dos desejos, que por sua vez elimina o tédio, mas,

quando não consegue mais fazê-lo, desperta o sentimento de angústia. Para concluir esse estágio, o esteta foge da angústia e mantém-se no prazer, mas o prazer pelo prazer desperta a angústia e ele novamente foge da angústia para refugiar-se no engano da sensação momentânea.

- (b) O *estádio ético* é um estágio mais elevado de compromisso pessoal. Onde o esteta está constantemente distraído e preocupado com coisas externas, o ético direciona a sua atenção e esforço para a sua própria natureza, sendo algo sobre o qual não tem controle. É essa relação com a universalidade do dever moral que consolida o senso de si mesmo no indivíduo. Neste estágio, a pessoa desenvolve seu próprio sistema de moral, onde razão e dever tem prioridade sobre a emoção, as sensações e a beleza. Desta forma, a ética individual subsumiu seu próprio interesse ao dever moral. As pessoas que vivem nesta fase também podem começar a sentir-se entediadas e cansadas, podendo recair no estágio estético.
- (c) O estágio religioso. Inclui as etapas éticas, ético-religiosa e religiosa da existência. Kierkegaard argumenta que o estágio religioso é o mais elevado da subjetividade. O religioso entende que o sofrimento é inerente à experiência religiosa. Enquanto o esteta considera o sofrimento como algo accidental, a pessoa religiosa entende que o sofrimento é um aspecto essencial de sua própria existência. Este é o paradoxo da fé, que, no processo de alcançar a felicidade eterna, o indivíduo subjetivo é capaz de compreender o significado do sofrimento. No processo de descoberta da verdade subjetiva, o indivíduo torna-se mais consciente de sua própria incerteza objetiva.

3.4 A SUBJETIVIDADE E AS REDES SOCIAIS VIRTUAIS NA INTERNET

Vivemos uma epidemia de re-produção serializada do pensar, do falar, do crer, do vestir, do comer, do ter sem limites e sem razão. E é perceptível que os meios de comunicação ofertarem um desserviço na não formação do refletir quando colocam-se como máquinas difusoras de uma cultura capitalista e efêmera em seus valores, direcionada

e manipulada pelo poder, que considera o ser humano apenas como número, elemento estatístico que direciona ações voltadas para estimular o consumo e o lucro.

Na Copenhague do século XIX, Kierkegaard já denunciava uma sociedade que se aplicava às aparências, a exterioridade, ao não ser existencial. O que significa dizer que estamos, hoje, vivendo numa sociedade que, com o tempo, tem aperfeiçoado e ampliado à produção de vidas sem propósito, de relações sem sentido, de uma comunicação massificada e manipuladora, como, à sua época, Kierkegaard apontava. Almeida enfatiza a relevância da comunicação no processo de existência do homem e diz que

Estamos cientes da imensa importância da dimensão da comunicação na dinâmica da existência humana, já que a própria individualidade se constitui *na* e *em* comunicação; porém, não podemos aceitar a linguagem utilizada na comunicação vigente, porque ela se traduz em um universal e em uma realidade efetiva, impondo aos sujeitos existentes uma realidade pronta e, dessa forma, reduz a alteridade a uma uniformidade, a uma padronização de conceitos, verdades, gostos, valores, vontades, que, em sua essência, são, simplesmente, a negação da própria linguagem, enquanto instauradora da relação entre humanos e, por extensão, do próprio existencial (ALMEIDA, 2009, p. 127).

O perigo da comunicação de massa está na serialização e na fragmentação do ato, que por ser massificador, torna-se irrefletido. A comunicação é mais do que o uso de um sistema de linguagem, é uma ferramenta que nos apresenta a nós mesmos e expressa nossa maneira de ver o mundo, e como tal, está imbuída de subjetividade e de intencionalidade.

Portanto, mais que expressar um conjunto de proposições transmissíveis, na comunicação eu me relaciono com o outro e com o mundo. Para Pinzetta,

a comunicação, que não é apenas de entendimento para entendimento, ou de espírito para espírito, é de existência para existência. A certeza do ser autêntico reside unicamente na comunicação pela qual uma liberdade enfrenta a outra (PINZETTA, 2010, p.121).

Assim, o comunicar é se fazer presente no mundo e para o mundo. E se o indivíduo manifesta-se no contexto do seu enunciado, o que quer que transmita, é a expressão da sua interioridade. Então, “comunicar é sinônimo de dar vida... é fazer com que o outro transforme a vida em existência, mas, ao mesmo tempo, ao fazê-lo existir, é fazer existir a si mesmo”(ALMEIDA, 2009, p. 124) e compreender o significado do que se comunica

significa entender um ação, uma relação social e a conexão feita com informações incorporadas nas interações sociais.

Nesse contexto, a crítica do filósofo dinamarquês é relevante hoje. Como tornar-se um indivíduo singular (expressar a sua individualidade) em uma época de crescente conformidade, do lugar comum e da massificação presentes na Internet, nas mídias e redes sociais. Teme-se o encontro com o verdadeiro eu de cada indivíduo, e por isso para Kierkegaard,

é muito mais simples e seguro assemelhar-se aos outros, ser uma imitação servil, um número, confundido no rebanho (p. 352)m, não tem a menor consciência dum eu que se adquire por uma infinita abstração que o liberta da exterioridade, dum eu abstrato e nu, oposto ao eu vestido do imediato (KIERKEGAARD, 1974,p. 366).

A solubilidade da multidão favorece o perde-se do “si mesmo”, de cair na generalidade sendo que o

turbilhão da existência moderna subtrai ao homem uma visão límpida do que, na realidade acontece. Vagamos na existência num mar sem que possamos escapar-lhe ou espriar-nos numa margem firme a permitir-nos uma perspectiva nítida da totalidade. (PINZETTA, 2010, p.122)

Guattari (2010) diz que “seria conveniente dissociar radicalmente os conceitos de indivíduo e de subjetividade” enfatizando que “os indivíduos são o resultado de uma produção de massa. O indivíduo é serializado, registrado, modelado” (p. 40).

E para isso, novas percepções são inventadas e apresentadas como sendo o sentido no qual se deve viver, numa agenciamento das sensações que impõe etiquetas classificatórias para o existir. No tópico que se segue, apresentamos considerações mais detalhadas dentro do cenário atual que promovem o distanciamento da constituição do indivíduo “existente singular” conforme postula Kierkegaard, em processos geradores de subjetivação através das novas tecnologias da informação e comunicação.

3.4.1 VISIBILIDADE; CONTROLE, AUTOPROMOÇÃO E CONSUMO

Moramos em condomínios afastados com muros cada vez mais altos, observados por câmeras espalhadas por toda a parte buscando encontrar refugio e proteção. Por outro lado, depois de trancar muito bem as portas de casa, do quarto ou do escritório, usamos a Internet para nos expor. As paredes físicas que nos cercam, ocultam e que guardam a

privacidade, se tornam completamente transparentes pelo uso que fazemos das modernas tecnologias de comunicação. Queremos ser a atração do momento. Ansiamos por aceitação e reverência. Precisamos falar, precisamos ser ouvidos e aclamados. Estamos em estado de visibilidade constante e consciente. Ter e ser não são mais suficientes, é preciso aparecer. As mídias sociais abriram definitivamente o mercado do marketing autopromocional, e as noções de público e privado estão se dissipando ou tornando-se irrelevantes. E esse uso tornou possível compartilhar, aos moldes da mídia de massa, o que antes era circunscrito a um grupo de pessoas próximas.

Numa severa crítica a esse modo de ser e viver promovido pelo capitalismo, a Internet e as mídias sociais, Bauman (2007) lembra que os indivíduos procuram o sentido das suas vidas da mesma forma que procuram produtos no mercado. Da mesma forma Mrozek enfatiza que,

mostruário cheio de vestidos luxuosos e cercado de multidões procurando pelos seus “eus”... Continuemos procurando nossos verdadeiros eus é terrivelmente engraçado – com a condição de que o eu verdadeiro nunca seja encontrado. Porque se for, a graça vai acabar... (MROZEK apud BAUMAN, 2007, p.111).

Seguindo na mesma direção da crítica de Bauman, Saveriano vai ainda mais além, afirmando que os produtos adquirem um sentido idílico, dando forma a sonhos e desejos. E que os

objetos assumem, em nossa sociedade, a forma de um “mundo de sonhos”, no qual é impossível reconhecê-los como conquista de autoria humana. A ciência, com uma série interminável de “milagres” tecnológicos, e a publicidade, com sua constante “solicitude” em prover a realização dos desejos, reforça, a impressão dominante de que “tudo é possível”, estimulando assim o antigo desejo de reunir o ego ao ego ideal, agora não mais pela “onipotência do pensamento” como nos povos ‘primitivos’, mas por um outro caminho mais funcional: a onipotência do objeto, que se incorpora ao homem pelo preço módico da adesão irrestrita aos códigos de consumo. (SAVERIANO, 2001, p.159)

E nesse contexto, as redes sociais virtuais também se inserem como ferramentas que viabilizam um panóptico¹¹ moderno onde todos vigiam e são vigiados o tempo todo. E o panóptico, que antes era uma forma não consentida de vigilância usada para coagir e punir, é hoje uma escolha espontânea (ou aparentemente espontânea) de bilhões de pessoas que usam a Internet e as redes sociais virtuais como um palco para a espetacularização de sua vida pública e privada banhadas com efeitos de imagem e som. Existe uma necessidade de ver e ser visto, de expor à sua própria vida e a de outras pessoas, anônimas ou famosas, amigos ou inimigos sem regras, sem critérios, sem respeito ou constrangimento. Tanta necessidade de auto exposição fez nascer um novo termo linguístico: “selfie”, uma palavra inglesa, que designa especificamente, de forma adaptada, auto-retrato para divulgação nas redes sociais. Os hábitos comuns do dia a dia transformaram-se em uma arte performática, com brilho, som e plano de fundo; e o estar permanentemente num palco.

As pessoas se fotografam em seus hábitos diários, ou nas mais bizarras situações e propagam as imagens para o mundo, num clamor incontido por atenção. Mais uma vez é Bauman, que discute muito bem esse modo de vida quando enfatiza que,

no cerne das redes sociais está o intercâmbio de informações pessoais. A nudez física, social e psíquica está na ordem do dia... Os usuários ficam felizes ao “revelarem detalhes íntimos de suas vidas pessoais... Os adolescentes equipados com confessionários eletrônicos portáteis são apenas aprendizes treinando e treinados na arte de viver numa sociedade confessional- uma sociedade notória por eliminar a fronteira que antes separava o privado e o público, por transformar o ato de expor publicamente o privado numa virtude e num dever públicos, e por afastar da comunicação pública qualquer coisa que resista a ser reduzida a confidências privadas, assim como aqueles que se recusam a confidenciá-las (BAUMAN, 2007, p.10).

No entanto, se expor nesse oceano de dados digitais pode ser o abandono real do indivíduo singular, da privacidade e da liberdade pessoal. A Internet, as mídias sociais e os dispositivos móveis de comunicação são os panópticos pessoais e (in)voluntariamente, somos carcereiros de nós mesmos. Uma prisão singular, pois, separa e impede o encontro

¹¹ O conceito de panóptico foi proposto pelo filósofo britânico e teórico social Jeremy Bentham no final do século 18, e refere-se a um tipo de construção, inicialmente um presídio, onde um vigilante pode observar (Opticon) todos (pan) os presos sem que eles sejam capazes de saber se estão ou não sendo observados. Bentham dedicou a maior parte de seus esforços para o desenvolvimento de um projeto para uma prisão Panopticon, mas o conceito é igualmente aplicável a hospitais, escolas e outras instituições.

com o “eu” de cada pessoa. Kierkegaard sempre chama a atenção desse aspecto do conhecer-se, e a descoberta da interioridade como fundamental na constituição da subjetividade, do ser subjetivo. Para o autor a

reflexão subjetiva volta-se para dentro, em direção à subjetividade, e quer, nessa interiorização, ser a (reflexão) da verdade, e assim, tal como vimos antes, quando a objetividade avançava a subjetividade desaparecia, agora a própria subjetividade torna-se o derradeiro, e o que é objetivo, o evanescente (KIERKEGAARD, 2013, p.207).

Bauman analisa estas alterações contemporâneas nas relações sociais enfatizando as questões ligadas às modificações promovidas pelas novas tecnologias da comunicação e informação. Afirma que,

se a comunicação pudesse ser reduzida à transferência de informação, sem necessidade da “fusão de horizontes”, então, em nossa era da Internet e da rede mundial, o contato físico e o compartilhamento (mesmo que temporário intermitente) de espaço e experiências teriam se tornado redundantes. Mas, não se tornaram, e até agora nada indica que isso ocorrerá (BAUMAN, 2004, p. 138).

Nesta mesma concepção, Sidekum postula que o

coletivismo moderno é a última barreira levantada pelo homem para evitar um encontro consigo mesmo...É o “nós” que aparece na burocracia, da administração, do mundo “tecnificado”. É o “nós” da indiferença, na qual ninguém é alguém, porque ninguém se interessa por alguém. Pois, somente quando o indivíduo conhece o outro, em toda sua alteridade, como a si próprio, como homem, através desta experiência ele há de irromper para o encontro do outro, rompe-se a solidão. E tal relação autêntica só existe entre pessoas genuínas (SIDEKUM, 1979, p. 35).

O uso demasiado do contato *on-line* em detrimento do real pode tornar-se um comportamento negativo pelo excesso. O perder-se nas telas, ou ficar obcecado por este aspecto da vida é prejudicial quando o indivíduo perde a dimensão da sua própria subjetividade e identifica-se ou por contágio, por identificação, por persuasão ou ainda por indução. E quando isso acontece, nós afastamos do que está acontecendo em nosso redor, e dos elementos da interação face a face. Nesse sentido, estamos no auge do desespero em não querer ser um si mesmo.

Em *A Doença Mortal - O Desespero Humano* – Kierkegaard evidencia que o estar desesperado é um estado de espírito onde se busca o caminho do encontro com o “si próprio”, mas dialeticamente, também a negação da construção do si mesmo. Desespera-se porque ser um si mesmo ou não querer tornar-se si mesmo, por isso ele afirma que há duas formas do verdadeiro desespero. “Se o nosso eu tivesse sido estabelecido por ele próprio, uma só existiria: não queremos ser nós próprios, queremos desembaraçar do nosso eu, e não poderia existir esta outra: a vontade desesperada de sermos nós próprios” (KIERKEGAARD, 1974, p. 337). O desespero é a doença do eu, isto é, da falta de autenticidade e da coragem em transformar o dom em tarefa e desprender-se do Autor para no interior da liberdade enredada, decidir ser um si-relacional. Entender, em nosso contexto, o desespero como um bem, é no mínimo um enorme paradoxo, um choque de conceitos.

O desespero, na visão kierkegardiana, mobiliza no si mesmo a percepção do infinito, do destino espiritual. O não desesperar-se é um estado de conformidade.

Porém, na sociedade moderna, o desesperar-se é considerado um estado totalmente temerário de viver. Assim como o angustiar-se. Empreende-se todo tipo de esforço para banir a ambos. É como se viver implicasse estar em um eterno parque de diversão, repleto de atrações sempre renovadas e adaptadas para suprimir todo tipo insatisfação, frustração, decepção, medo. Tais sentimentos ou estados de espírito são apresentados como males que afligem os fracos, derrotados ou incapazes. Ser feliz está na ordem do dia, todos os dias, para isso, as distrações constantes são oferecidas em forma de objetos do desejo, emoções, relacionamentos e prazeres múltiplos que são vendidos como elixir da constante felicidade. Kierkegaard chama a atenção para isto quando se pergunta:

E esta outra miséria! tantas existências frustradas dum pensamento que é a beatitude das beatitudes! Dizer – ai de nós – que nos entretemos e que se entretêm as multidões com tudo, exceto com aquilo que importa! que as arrastam a desperdiçar a sua vida no palco da vida sem nunca lhes recordar a beatitude! que as conduzem em rebanhos... enganando-as em vez de as dispersar, de isolar cada individuo, a fim de que sozinhos se consagre a atingir o fim supremo; o único que vale que se viva e que tem com que alimentar uma eternidade inteira (KIERKEGAARD, 1974, p. 348).

No entanto, Kierkegaard os considera como pertencentes a uma singularidade edificada. O indivíduo singular desesperado inquieta-se da sua condição, sabe que está

acometido de uma doença mortal (não no seu termo) naquilo que é o seu maior desafio enquanto ser temporal, ser um si próprio. “Nem um só existe que esteja isento de desespero” (p. 345) Tornar-se homem implica em algum momento da sua trajetória em conviver com o desespero. E este não é um estado externo, visível, é interno e pertence unicamente ao “eu” de cada um. Estar desesperado é ter, ainda, a capacidade de indignar-se consigo próprio e com os outros, e assim, tirar de si forças mobilizadoras para o conflito que faz nascer um si mesmo envolvido, comprometido e conectado com o existir e a existência, na sua humanidade e na do outro. E isso é uma escolha. “Mas o desespero é uma categoria do espírito, suspensa na eternidade, e um pouco de eternidade entra por consequência na sua dialética” (KIERKEGAARD, 1974, p. 346)

Desse modo, entendemos que, o que Kierkegaard chama de desespero humano - doença mortal - é uma inquietação constante dos sentimentos, que quer trazer à tona o verdadeiro “eu” de cada indivíduo.

4 REDES SOCIAIS VIRTUAIS

A proximidade não exige mais a contiguidade física; e a contiguidade física não determina mais a proximidade. É uma questão em aberto saber qual lado da moeda mais contribui para fazer da rede eletrônica e de seus implementos de entrada e saída um meio de troca tão popular e avidamente usado nas interações humanas. Será a nova facilidade de conectar-se? Ou a de cortar a conexão? Não faltam ocasiões em que está última parece mais urgente e importante que a primeira.

(Bauman, 2003, p.81)

De forma bem simples e objetiva as redes sociais virtuais são: espaços específicos na Internet que permitem partilhar dados e informações, sendo estas de caráter público ou particular, das mais diversas formas (textos, arquivos, imagens fotos, vídeos, etc.). Podem também ser definidas como páginas da Internet que propiciam a criação de relações entre indivíduos mediadas por comunicação via computador.

Porém em termos técnicos define-se que uma rede social virtual é um espaço não físico onde uma rede de computadores conecta um grupo (rede) de pessoas que estabelecem interação, comunicação e relações as mais diversas. Em uma primeira definição, “uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: *atores* (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas *conexões* (interações ou laços sociais)” conforme Wasserman; Faust (1994); Degenne; Forse, (1999) apud Recuero (2009, p.24). Recuero) afirma ainda que,

a grande diferença entre sites de redes sociais e outras formas de comunicação mediada pelo computador é o modo como permitem a visibilidade e a articulação das redes sociais, a manutenção dos laços sociais estabelecidos no espaço off-line (RECUERO, 2009, p. 102).

No entanto, talvez não seja tão simples assim um significado, uma vez que, a Internet e suas ferramentas estão se definindo como um modo de vida, e as Redes Sociais Virtuais têm atraído cada vez mais usuários em todo o mundo, e de alguma forma, influenciado sua forma de existir e seu comportamento. Temos que ter também em consideração a mutabilidade desses recursos, que se mostram adaptáveis e se reestruturam

de acordo com a demanda dos seus usuários ou a concorrência oferecida por outros sistemas de redes sociais, que tem crescido bastante nos últimos anos.

A abordagem das redes sociais virtuais pode ser feita sob várias perspectivas: sociológica, filosófica, psicológica, linguística, midiática e até econômica já que elas têm se multiplicado e se constituído, por um lado, num franco e rentável produto de mercado e por outro está construindo perfis de conduta, de personalidade, de relações inter-individuais e coletivas¹² (OGLOBO, 2013), que Bauman (2007) chama de “cibermercado da cultura mostre e diga” (p. 9).

Na última década as redes sociais virtuais têm evoluído a partir de simples centros de comunicação para verdadeiros agentes de mudança no modo de vida de centenas de milhares de pessoas, atraindo-as para o emaranhando de teias que constituem a rede, impedindo a opção do indivíduo em construir uma singularidade diferente.

Números recentes contabilizam em mais de um bilhão e meio (OLHARDIGITAL, 2013) os usuários ativos de redes sociais virtuais no mundo. E este número ainda não se tornou maior em virtude da dificuldade de acesso a banda larga em alguns lugares do mundo como na África, em países da América Latina e Central, e em regiões pobres como o norte e nordeste do Brasil, por exemplo, onde o preço para acesso a Internet ainda é muito alto tendo em vista a carência da população.

Embora estes números possam ser meros números para muitas pessoas, é inegável o que eles representam: o impacto nas relações sociais mediadas por essas redes na vida das pessoas, na sua sociabilidade, na maneira como veem e concebe o relacionar-se. Esse impacto será profundo e duradouro se considerarmos a evolução tanto das ferramentas computacionais voltadas para esse fim, quanto dos dispositivos que promovem o acesso, e mais ainda, a disposição cada vez maior das pessoas em aderir a esse tipo de relacionamento virtual. As somas de todos estes elementos certamente promoverão efeitos intensos e duráveis no que conhecemos hoje como relações sociais, da mesma forma como os computadores pessoais mudaram a face dos negócios para sempre, abrindo janelas antes nunca vistas, só imaginadas, para milhares e milhares de pessoas em todo o mundo. Para Souza,

¹² Em nova lei que faz parte do Plano Nacional de Consumo e Cidadania (PLANDEC), itens como computador e telefone celular, junto com fogão e geladeira, deverão fazer parte da lista de produtos essenciais e que devem ser imediatamente trocados em caso de defeito.

com a Internet, findam-se definitivamente os conceitos tradicionais de tempo e espaço. O espaço contemporâneo é um espaço heterogêneo e do heterogêneo. Vivemos em uma rede de relações e fluxos materiais e imateriais e buscamos caminhos que apresentam essa articulação, muitas vezes invisível e em rede (SOUZA, 2013, p.35).

Ao acessar uma página que permite a criação de um perfil de usuário em uma rede social virtual, para os mais atentos, é notória a qualificação do “produto” que está sendo oferecido. Frases como: Igual a vida real; Comunique-se; Divirta-se; Localize as pessoas e o conhecimento de que você precisa; Dê vida às conversas com fotos, *emoticons*¹³ (UHULL, 2013) e mais; Compartilhe informações, ideias e oportunidades; Descobrir, compartilhar e se conectar com a cultura, a criatividade, sons, imagens e pessoas, e as opções se diversificam. São muitos os atrativos, recursos, aplicativos de fácil e rápido acesso para quem quiser fazer parte do mundo dos relacionamentos virtuais, e de forma gratuita para o usuário comum. Um mundo de oportunidades grátis, basta que você disponha de um pouco do seu tempo para dedicar-se à sua rede.

Tempo, fator que tem chamado muita atenção quando se trata de Redes Sociais Virtuais. Em recente pesquisa publicada na Internet (IBOPE, 2013) os números sobre os usuários das redes sociais são espantosos. A pesquisa realizada pelo IBOPE (Instituto Brasileiro de Pesquisas) revelou que os usuários das redes sociais passam mais de 10 horas por semana conectados atualizando seus perfis, em conversas on-line, visualizando ou postando fotos e ampliando sua rede de contatos e relacionamentos.

Os perfis de usuários das redes sociais virtuais tem alcançado tamanha importância para alguns deles, seja por uso pessoal ou profissional, que fez surgir um novo tipo de criminoso e um novo delito. O sequestro (G1.GLOBO, 2013) de perfis de redes sociais virtuais. O criminoso que pratica esse tipo de delito é conhecido como *cracker*¹⁴ e sua arma são códigos digitais de acesso virtual para invadir e se apoderar, nesse caso, do perfil do usuário, e passar a exigir, para liberá-lo, resgate em dinheiro, à semelhança de um sequestro

¹³*Emoticon* é uma forma de comunicação paralingüística. O emoticon é uma palavra derivada da junção dos seguintes termos em inglês: *emotion* (emoção) + *icon* (ícone).

¹⁴ Os crackers são pessoas aficionadas por informática que utilizam seu grande conhecimento na área para quebrar códigos de segurança, senhas de acesso a redes e códigos de programas com fins criminosos. Em alguns casos, o termo “Pirata Virtual” é usado como sinônimo para cracker.

físico. O que nos leva a refletir no nível de seriedade e estima que determinados usuários têm do seu espaço de relacionamento ou contato através dessas redes sociais virtuais.

Diz-se que verdadeiras amizades¹⁵ duram para sempre, no entanto, no caso das redes sociais on-line esse sentimento ganha um significado novo e completamente diferente. As trilhas digitais de uma amizade on-line - verdadeira ou não - realmente duram para sempre, uma vez que são armazenadas indefinidamente em servidores. Além disso, os dados relativos a essa amizade se tornam facilmente acessíveis por causa da natureza digital e portátil da informação. O ciberespaço muda as relações e práticas sociais sobre os aspectos da temporalidade, da organização e do público.

Ao se cadastrar como usuário, cria-se um perfil, que é constituído por dados como nome, data de nascimento, sexo, país de origem e um endereço de e-mail ativo como referência. Alguns são mais simples outros mais complexos. Mas, basicamente, nenhum desses dados precisa ser de fato real. No ato de criação do seu perfil, existe uma série de etapas, onde a empresa proprietária do sistema informa: Termos; Políticas de uso de dados; Privacidade; Contrato de usuário e Política de direitos autorais dentre outros. A grande maioria das pessoas não lê nenhuma dessas informações, apenas seleciona a opção onde afirma que concorda com cada uma delas, e muitas vezes sem saber, cedem direitos de uso de suas informações. E em alguns simples cliques você torna-se mais um usuário, mais um número nas estatísticas dos bilhões que estão na rede.

Esses números podem significar muito no faturamento desse concorrido mercado de relações virtuais, mas com ganhos financeiros reais, tornando pessoas muito jovens, seus criadores, milionários e influentes ou ilustres desconhecidos em celebridades da noite para

¹⁵ Precisamos esclarecer que, o uso do termo amigo ou amizade não reflete a definição filosófica para o mesmo. Em *Ética para Nicômano* Aristóteles apresenta uma definição de amigo bastante distinta da que conhecemos como “amigo” em tempos de relações virtuais. Em Aristóteles a amizade pressupõe virtudes éticas como verdade, justiça e promoção do bem do homem, servindo como elo entre os indivíduos e desses com a comunidade. “A amizade perfeita é a dos homens que são bons e afins na virtude, pois esses desejam igualmente bem um ao outro enquanto bons, e são bons em si mesmos” (ARISTÓTELES, 1973, p. 381). Na obra Aristóteles descreve três espécies de amizade: a útil, a agradável e a que existe entre homens bons e semelhantes. As duas primeiras buscam o próprio bem, portanto, amam o que lhes favorece e proporciona deleite. A terceira, a verdadeira amizade, só pode existir entre os bons e virtuosos, pois estes se desejam o bem de modo idêntico. Desenvolver tal amizade requer investimento de tempo e dedicação no conhecimento um do outro, e, portanto, são raras e não existem em grande quantidade. “E cada um é bom em si mesmo e para o seu amigo, pois os bons são bons em absoluto e uteis um ao outro” (ARISTÓTELES, 1973, p. 382). Com base em uma tal definição, não é possível de modo algum, proceder uma comparação entre o amigo aristotélico e o simples uso do termo “amigo” no contexto de relacionamentos virtualizados.

o dia. Além de engordar os ganhos das empresas que fazem o *e-commerce* ou comércio eletrônico, forma de compra, venda e divulgação pela Internet. E em tempos de comércio eletrônico surgiram empresas especializadas em monitorar os perfis de usuários das redes sociais no intuito de direcionar o marketing oferecendo o produto certo para a pessoa certa, e ainda identificar e resolver rapidamente danos na imagem das marcas. Ou seja, seu perfil nas redes sociais é mercadoria valiosa, disputada e muito explorada. Fato esse que passa despercebido pela imensa maioria dos usuários mesmo quando tem seu e-mail ou página da rede social bombardeado de informações e ofertas de todo o tipo. Entrou na rede, é potencial comprador e alvo certo na mira do insaciável mercado de consumo seja de produtos, serviços ou de informação. Empresas se especializaram em desenvolver programas de mineração de dados que circulam na Internet fornecidos pelos seus milhares e milhares de usuários, e depois de cruzar esses dados, eles são repassados as empresas de marketing digital. A partir daí o usuário sofre quase uma perseguição *on-line*. Se visitou uma loja virtual comprou ou interessou-se por um produto qualquer, quis ler sobre algum assunto ou notícia ou se apenas tentou fazer um cadastro num site de relacionamentos passa a receber todo tipo de mensagem, lembrete, ofertas imperdíveis, cupons de desconto e por ai vai. Basta para isso entrar no seu provedor de e-mail, conta de rede social e todo um sistema computacional sofisticado que registrou e minerou os seus dados de navegação anterior, páginas visitadas, intuito ou compras realizadas passa a te acompanhar onde quer que vá no mundo virtual, gerando o sentimento de que seus pensamentos ou intenções estão sendo magicamente interpretados por uma mente “superior”. Nada disso, não são mentes superiores, mas, com certeza, uma indústria com tecnologia de ponta, muito bem estruturada e estrategicamente organizada para reforçar e conservar vivo no seu (in)consciente necessidades e desejos manifestados por seus cliques, propositados ou não, na tela do computador. Bauman (2007) comenta que “a sociedade de consumo prospera enquanto consegue tornar perpétua a não-satisfação de seus membros (e assim, em seus próprios termos, a infelicidade deles)... o que começa como um esforço para satisfazer uma necessidade deve se transformar em compulsão ou vício” (p. 64). No fim de tudo está sempre a indução para o consumo, o inspirar necessidades numa roda viva perenal.

Chega a ser espantoso a maneira como a Internet e as redes sociais têm estabelecido novas formas de comprar e vender, comunicar e criar percepções entre pessoas, empresas e consumidores, as organizações e seus públicos, escritórios políticos e seu eleitorado.

4.1 LÓCUS, O FACEBOOK

Alguns critérios indicaram a escolha da Rede Social Facebook dentre as outras como referencial para esta análise. Os principais são:

- a) Popularidade atual da rede;
- b) Interface do site;
- c) Recursos oferecidos;
- d) Facilidade de cadastramento.

Os sites de redes sociais passam por períodos de grande crescimento, atingindo muita popularidade e um enorme número de usuários. Manter-se no topo das preferências é uma questão de concorrência de outros sites que, ou modernizam suas redes trazendo uma atualização de recursos, ou o aparecimento de novos sites que caem no gosto dos internautas e rapidamente atraem usuários. E, de acordo com os dados disponíveis, estima-se que o Facebook é atualmente o sistema de rede social com a maior base de usuários ativos do mundo, cerca de 1 bilhão (FOLHA.UOL, 2013). Precisar esse número é tarefa constante, uma vez que, novos usuários se cadastram diariamente.

Em 2102, quando iniciei o estudo ora apresentado, já possuía uma conta no Facebook (Figura 2) criada em julho de 2010, que foi mantida e é a que está sendo usada como fonte de dados. Por tratar fundamentalmente com a categoria de subjetividade, e por reconhecer em mim mesma uma subjetividade em processo de construção, passo a utilizar da experiência *dessa subjetividade* para expor as situações vivenciadas.

É importante salientar que ao utilizar as categorias do filósofo dinamarquês, optei pela coerência apresentada nas obras de Kierkegaard, assim, em lugar de analisar, demonstrar, fundamentar, preferi evocar, narrar, expor.



Figura 2. Página inicial da conta do Facebook

Fonte: Dados produzidos pela

autora- Facebook (2013a)

Iniciei minha rede timidamente e com certa desconfiança com 10 “amigos”, que eram familiares e colegas de trabalho com os quais mantinha contato presencial constante.



Figura 3. Página do Facebook de configuração de privacidade

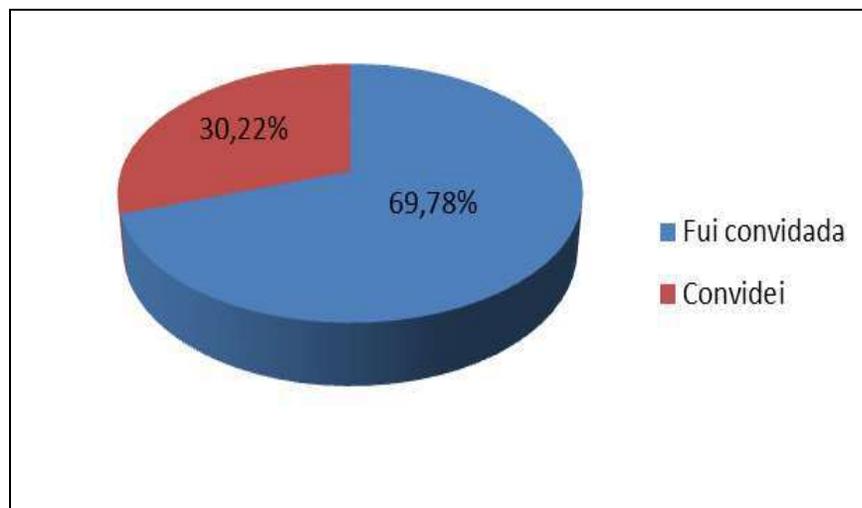
Fonte: Dados produzidos pela

autora- Facebook (2013b)

O site oferece nas configurações de privacidade a opção por ter um perfil com acesso aberto público ou somente aos amigos. Optei pelo segundo, (Figura 3) como forma de manter o perfil restrito aos amigos.

Aos poucos, os contatos foram se ampliando, e conto hoje com uma rede de 182 “amigos”. Desse total, 55 foram convidados diretamente por mim, e os demais 127 foram convites que recebi. Percentualmente (Figura 4) posso me considerar uma usuária passiva, que espera ser conhecida e convidada por outros.

Para empreender esse trabalho, tornei-me uma usuária mais atenta aos detalhes e percebi que, em relação às demais, de fato o Facebook oferece uma interface fácil, atraente e seus recursos são facilitadores para quem quer construir uma rede social virtual, e ampliar rapidamente seus “amigos”.

**Figura 4.** Estatística de composição da rede

Fonte: Dados produzidos pela autora



Figura 5. Elementos de uma postagem

Fonte: Dados produzidos pela autora – Facebook (2013c)

Para isso, o sistema do site cruza e minera dados de seus usuários e lhe indica potenciais “amigos” para acrescentar à sua rede lhes enviando convites, como também lhe “apresenta” entre os usuários para que possa ser convidado.

Ou seja, uma vez cadastrado, com o mínimo de dados que lhe identifiquem, reais ou não, seu perfil passa a ser exposto na vitrine virtual do site. Perfil criado tudo pronto para começar a postar e interagir. Existem vários elementos disponíveis na composição de uma postagem (Figura 5) que podem acrescentar vários detalhes sobre o que se está publicando, no intuito de trazer mais realidade e proximidade entre os “amigos” da rede.

Como tomamos por base o perfil pessoal que possuo na rede, em alguns momentos do texto aparece o uso da primeira pessoa do singular, pois, há um entrelaçamento dos papéis autora/pesquisadora que não é possível separar, mesmo porque, a categoria da subjetividade implica tal envolvimento.

A rede analisada comporta 182 amigos, e fazendo um levantamento da rede dos “amigos” interconectada, ou seja, da ligação que potencialmente passo a ter através dos “amigos dos amigos”, a possibilidade de conexões possíveis se amplia para 120.146.000 (cento e vinte mil cento e quarenta e seis). Como isso é possível? Vamos considerar o exemplo da figura abaixo (Figura 6):

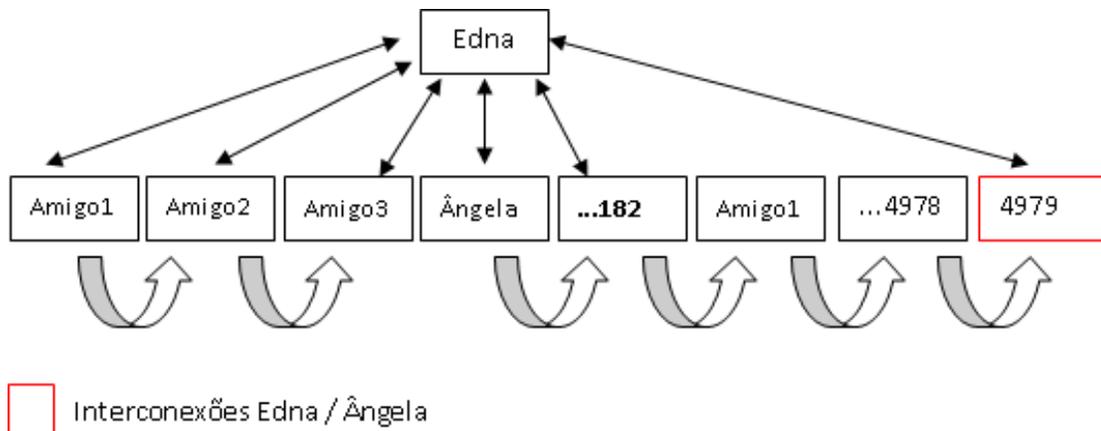


Figura 6. Exemplo de Interconexão

Fonte: Dados produzidos pela

autora

Se considerarmos que para cada um dos amigos da rede que possuem conexões comigo e com outros num variável que vai de 11, a menor, até 4979, a maior, existe a interconexão potencializada com toda a rede uma vez que, posso manter contato com todos, mesmo sem tê-los diretamente na minha rede através dos recursos curtir, mencionar, comentar ou compartilhar. Por isso, voltamos a ressaltar que as novas tecnologias da comunicação e informação trazem em seu conjunto outra (re)configuração das relações e de todo o contexto a ela intrínsecos.

4.2 DETALHAMENTO DA REDE SOCIAL VIRTUAL FACEBOOK

O Facebook, que inicialmente era “thefacebook” foi lançado em 2004, e seu foco inicial era criar uma rede de contatos entre os jovens universitários de Harvard, sendo posteriormente aberto às outras universidades. Em 2006 foi aberto ao mundo e rapidamente tornou-se uma febre. O sucesso foi tão grande que em menos de um ano a rede já contava com um milhão de usuários ativos. Tamanho sucesso fez de seu criador, Mark Zuckerberg, então com vinte e três anos, o mais jovem bilionário do mundo.

O acesso ao sistema, igual às demais redes, é feita através de um cadastro e criação de usuário e senha. O usuário personaliza seu perfil com fotos e informações pessoais que podem ser públicas ou disponíveis apenas aos amigos. O Facebook funciona através de perfis e grupos, onde se pode acrescentar módulos e aplicativos(jogos, ferramentas, etc.). A ampliação da rede se faz por meio de convite a novos “amigos”. As postagens são feitas

num espaço onde aparece a pergunta: “No que você está pensando?”. É possível postar texto, fotos, vídeos e compartilhar informações da Internet e de outros usuários. Na postagem feita, a sua rede de amigos pode “Curtir”, “Comentar”, “Compartilhar” “Cutucar” e “Promover”.

Há postagens que geram milhares de “curtidas”, que é uma maneira rápida de dizer que você gostou daquela publicação. E o “Curtir” tornou-se marca oficial do Facebook, e a imagem dessa ação (Figura 7) usada pela rede, um símbolo adotado mundialmente como declaração não só visual como verbal e escrita para expressar que se apreciou algo.

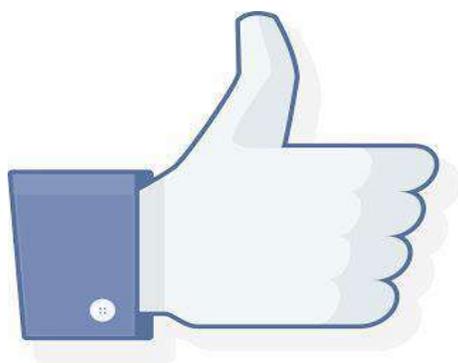


Figura 7. Ícone do Curtir

Fonte: Dados produzidos pela autora – Barroworldshopping (2013)

As funcionalidades de configuração que o sistema oferece têm garantido ao Facebook a manutenção e ampliação do grande número de usuários. Na página oficial Facebook (2013d) são apresentadas as seguintes informações gerais sobre o sistema que é acessível ao usuário e aparecem na parte inferior da tela inicial nos links: termos; pessoas; páginas; privacidade e política de uso de dados.

4.2.1 PRINCÍPIOS DO FACEBOOK

Estamos desenvolvendo o Facebook para criar um mundo mais aberto e transparente, o qual acreditamos que criará mais entendimento e conexão. O Facebook promove a franqueza e transparência fornecendo às pessoas mais poder para compartilhar e se conectar, e alguns princípios guiam o Facebook para atingir essas metas. O alcance desses princípios deve ser controlado apenas por limitações de lei, tecnologia e normas de desenvolvimento

social. Portanto, estabelecemos tais princípios como a base de direitos e responsabilidades daqueles dentro do serviço do Facebook.

(a) Liberdade para compartilhar e se conectar

As pessoas devem ter a liberdade de compartilhar as informações que desejarem, de qualquer maneira e em qualquer formato, e têm o direito de se conectar a qualquer um - qualquer pessoa, organização ou serviço - desde que ambos estejam de acordo com a conexão.

(b) Propriedade e controle de informações

As pessoas devem ser proprietárias de suas informações. Devem ter a liberdade de compartilhar informações com pessoas e locais que desejarem, incluindo removê-las do serviço do Facebook. Devem ter a liberdade de decidir com quem desejam que as informações sejam compartilhadas, além de definir controles de privacidade para suas escolhas. Entretanto, esses controles não têm a capacidade de limitar a maneira com a qual as pessoas que receberam a informação irão usá-la, principalmente fora do serviço do Facebook.

(c) Fluxo livre de informações

As pessoas devem ter a liberdade de acessar todas as informações disponibilizadas a elas por outras pessoas. Além disso, as pessoas devem ter as ferramentas práticas para facilitar, agilizar e otimizar o compartilhamento e acesso a essas informações.

(d) Igualdade de fundamentos

Todas as pessoas - indivíduos, anunciantes, desenvolvedores, organizações ou outras entidades - devem ter representação e acesso a distribuição e a informações dentro do serviço do Facebook, independentemente da atividade principal da pessoa. Deveria haver um conjunto de princípios, direitos e responsabilidades que se aplicaria a todas as pessoas usando o serviço do Facebook.

(e) Valor social

As pessoas devem ter a liberdade de construir confiança e reputação por meio de sua identidade e suas conexões, e de não serem removidos do serviço do Facebook por outras razões além das descritas na Declaração de direitos e responsabilidades do Facebook.

(f) Plataformas e padrões abertos

As pessoas devem ter interfaces programáticas para compartilhamento e acesso às informações disponíveis a elas. As especificações dessas interfaces devem ser publicadas, disponibilizadas e acessíveis a todos.

(g) Serviço fundamental

As pessoas devem usar o Facebook para estabelecer sua presença, se conectar com outros e compartilhar informações. Todas as pessoas têm o direito de usar o serviço do Facebook independentemente de seu nível de participação ou contribuição.

(h) Bem-estar comum

Os direitos e as responsabilidades do Facebook e das pessoas que usam o serviço devem estar descritos na Declaração de direitos e responsabilidades do Facebook, não podendo ser inconsistente com esses princípios.

(i) Processo transparente

O Facebook deve publicar e disponibilizar informações sobre seus objetivos, planos, suas políticas e operações. O Facebook deve ter um processo amplo de notificação e comentários e um sistema de votação para incentivar informações e discussões sobre emendas na Declaração de direitos e responsabilidades do Facebook.

(j) Um mundo

O serviço do Facebook deve ultrapassar barreiras geográficas e nacionais e ser disponibilizado a todas as pessoas do mundo.



Figura 8. Página Inicial do Facebook

Fonte: Dados produzidos pela autora –

Facebook (2013a)

Os sites que disponibilizam as redes sociais estão em constante atualização, assim, ao acessar sua conta de um dia para o outro o usuário pode encontrar novos recursos ou novos aplicativos. Essa estratégia é fundamental, pois, o usuário migra de uma rede para outra de acordo com a novidade do momento. A Internet é inegavelmente “novidadeira”, e não há fidelidade, mas uma procura constante pelo diferente, por inovação. Afinal quem está na rede quer sempre se mostrar numa vitrine capaz de revitalizar sua interface e apresentar coisas novas todo o tempo.

4.3 SUBJETIVIDADE \neq SUBJETIVAÇÃO = REDES SOCIAIS: UMA EQUAÇÃO QUESTIONÁVEL

A rede Internet é na atualidade o principal meio de comunicação global. Isso é fato inquestionável. No entanto, mais do que meio de comunicação a Internet está se tornando meio de expressão de ideias, sentimentos e afetos. O que antes se dizia entre quatro paredes, se confessava quase sussurrado ao ouvido daquele alguém muito próximo, lamentava-se no ombro do melhor amigo, anunciávamos com sorrisos e alegria à família, as reflexões feitas nas noites de íntima dor, carências e decepções pessoais compartilhadas em conversas olho no olho ou ideais e ideologias defendidas com ardor nos espaços públicos de debates foi transferido para os murais da rede social e tornou-se de domínio público. Para mais além da era da informação, vivenciamos a era do dever de expressão pública.

E nesse cenário onde se atrela público e privado, a subjetividade além de um processo de revelação interna e pessoal torna-se representativa de modelagens sociais que interferem diretamente na estruturação psico-social a que Guattari; Rolnik chamam de subjetividade capitalística¹⁶ onde a “subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro social” (p. 31). Ao analisar as postagens no Facebook é inegável que as pessoas estão copiando mais que frases feitas, chavões da moda ou ideais pré-fabricadas que sequer

¹⁶ O acréscimo do sufixo “ístico” ao termo “capitalista” produziu um neologismo que traduz a noção de que a cartografia subjetiva de áreas do terceiro mundo e de países ex-integrantes do bloco socialista do leste europeu segue padrões semelhantes de constituição dos países industrializados da vanguarda capitalista.

conhecem a origem. Há uma evidente serialização também de aspectos que, dado a unicidade das pessoas, deveriam ser exclusivos e sinal do singular. Conforme os autores,

essa cultura de massa produz, exatamente, indivíduos: indivíduos normalizados, articulados uns aos outros, segundo sistemas hierárquicos, sistemas de valores, sistemas de submissão. [...] Não somente uma produção de subjetividade individuada - subjetividade dos indivíduos - mas uma produção de subjetividade social, uma produção da subjetividade que se pode encontrar em todos os níveis da produção e do consumo. E mais ainda: uma produção da subjetividade inconsciente. A meu ver, essa grande fábrica, essa grande máquina capitalística produz inclusive aquilo que acontece conosco quando sonhamos, quando devaneamos, quando fantasiemos, quando nos apaixonamos e assim por diante. Em todo caso, ela pretende garantir uma função hegemônica em todos os campos (GUATTARI; ROLNIK, 2010, p. 22).

A subjetividade produzida na rede social virtual mais se assemelha a um grande salão de espelhos, onde uma única imagem parece desdobra-se em várias outras. A supressão do pensar e o hábito da repetição irrefletida tomaram o lugar do gestar as próprias ideias e de que maneira exprimir os sentimentos.

Nesse contexto, a crítica elaborada por Kierkegaard há mais de 150 anos continua muito atual. O desespero de quem não ousa tornar-se um si mesmo, equivale a imensa solidão e a depressão hodiernas. Têm-se milhares de “amigos”, mas, não se constrói amizade verdadeira. No sentido aristotélico, vive-se sem amigos.



Figura 9. Exemplos de *posts* para Facebook

Fonte: Dados produzidos pela autora – Facebook (2013a).

O Facebook oferece imagens de todo tipo para serem usadas: românticas, bem humoradas, de impacto, poéticas ou filosóficas para os usuários expressar seu estado de espírito (Figura 9). É só achar aquela que traga identificação emocional e publicar. Daí em diante é esperar as muitas curtidas, comentários e compartilhamentos e sentir-se profundamente feliz pelo quanto é aceito, compreendido e acolhido pelos “amigos”.

O contrário também é verdadeiro. Um exemplo desse *self service* de emoções pré-fabricadas é exemplificado na imagem abaixo (Figura 10).



Figura 10. Exemplo de *post* dos modelos disponíveis

Fonte: Dados produzidos pela autora – Facebook (2013a)

As mudanças no campo da tecnologia, do eixo nas relações espaço-temporais, a produção de imagens, para apenas citar alguns exemplos, são fundamentais para o entendimento dos caminhos da produção da subjetividade contemporânea. Guattari; Rolnik chama a atenção para o fato de que,

seria conveniente definir de outro modo à noção de subjetividade renunciando totalmente à idéia de que a sociedade, os fenômenos de expressão social são a resultante de um simples aglomerado, de uma simples somatória de subjetividades individuais. Penso, ao contrário, que é a subjetividade individual que resulta de um entrecruzamento de determinações coletivas de várias espécies, não só sociais, mas econômicas, tecnológicas, de mídia, etc. (GUATTARI; ROLNIK, 2010p. 40).

4.4 COLETANDO E ANALISANDO OS DADOS

Definido o lócus da pesquisa, passamos a coletar dados que foram obtidos através das *postagens (posts)* retiradas do Facebook durante os últimos 12 meses, ou seja, entre dezembro de 2012 e dezembro de 2013. Nesse período acessamos diariamente a rede social Facebook e fizemos um acompanhamento das *postagens* que eram apreciadas, coletadas e arquivadas, o que gerou um banco de dados de 353 *postagens*. Deste banco de dados,

selecionamos e delimitamos para efeitos de apresentação e análise nesta dissertação, apenas 25 postagens que foram usadas para referenciar as categorias da memória, subjetividade e subjetivação propostas neste estudo.

Por uma questão de ética, respeito e privacidade não há identificação das pessoas cujas postagens apreciadas, seja por imagem ou nome direto, isso no caso da rede pessoal de “amigos”, uma vez que, não é do nosso interesse realizar uma crítica particular às pessoas, mas, uma análise das suas manifestações no contexto do estudo. Mas, em relação aos grupos públicos do Facebook mencionados os nomes e imagens são divulgados, uma vez que, ao optar por fazer parte de um grupo público assume-se a não privacidade do seu perfil.

No período mencionado vivenciamos no país acontecimentos que, decerto, marcarão a nossa história como as manifestações de rua iniciadas em junho e que foram desencadeadas pelo aumento das tarifas de ônibus em São Paulo e rapidamente alcançou outras cidades do Brasil, tomando grandes proporções e que se expandiram para outras reivindicações populares de enorme repercussão. O outro foi a condenação dos envolvidos no escândalo de corrupção política do “mensalão”. Estas manifestações usaram as redes sociais virtuais como espaço de articulação para as ações dos manifestantes, o que estabelece um novo parâmetro de reivindicação e organização social com grande poder mobilizador de grupos e indivíduos, e que geraram outros desdobramentos. Além de fatos notórios e de grande impacto, observamos também postagens diárias, compartilhamento de informação, fatos corriqueiros, pontos de vista, desabafos, hábitos e percepções expressadas pelos amigos da rede.

4.4.1 As Redes Sociais Virtuais como espaço de articulação de grupos sociais

Desde as revoluções que começaram a ocorrer em países do Oriente Médio a partir de dezembro de 2010 batizadas de Primavera Árabe, surgiram muitos debates sobre o papel mobilizador fundamental que as redes sociais tiveram nesses eventos, bem como na promoção de debates políticos que favoreceram as mesmas.

No Brasil, experimentamos uma experiência semelhante quanto ao poder de mobilização e articulação das redes sociais por ocasião das revoltas populares desse ano de 2013. As primeiras ondas de protesto foram em São Paulo no início do mês de junho, e

rapidamente surgiram grupos no Facebook para debater, articular e divulgar o movimento. O primeiro grupo foi chamado de Movimento Passe Livre uma vez que o início dos protestos ocorreu contra o aumento nas tarifas de ônibus em São Paulo. As redes sociais eram usadas para coordenar os eventos. A respeito das redes sociais Recuero informa que as,

redes sociais tornaram-se a nova mídia, em cima da qual informação circula, é filtrada e repassada; conectada à conversação, onde é debatida, discutida e assim, gera a possibilidade de novas formas de organização social baseadas em interesses da coletividade (RECUERO, 2011, p.15).

O papel exercido pelas redes sociais é um contraponto a mídia tradicional, uma vez que, não há uma vinculação profissional ou institucional. As pessoas repassam a informação livremente e em tempo real. Não há novidade alguma no fato de pessoas se unirem para reivindicar algo, expressar descontentamento, lutar ou defender uma bandeira ou causa. O que esta dissertação não pode analisar por ser uma questão recente e a memória precisa de tempo para poder apoderar-se do conteúdo de sua própria constituição, mas é possível ponderar que, o novo nesse contexto, reside no fato de como as redes sociais e os seus usuários poderão afetar a constituição da memória social. Portanto, podemos afirmar que as construções sociais de memória são influenciadas pelas necessidades e entendimentos do presente como afirma Halbwachs. Os grupos selecionam diferentes memórias para explicar questões e preocupações atuais. A fim de esclarecer o presente, os líderes de um grupo podem reconstruir um passado usando a escolha racionalizada e simbólica de quais eventos merecem ser lembrados e aquelas que são eliminados, e reorganizar os eventos em conformidade com a narrativa social.

Para explicitar o descrito no parágrafo anterior, utilizaremos a página inicial do Movimento Passe Livre (Figura 11) no Facebook, onde podemos observar na imagem usada no perfil do grupo sua intencionalidade de reivindicação, divulgação e enfrentamento das questões político-sociais do momento atual. É notória a alusão (referência) entre essa imagem usada com as históricas manifestações populares contra a ditadura militar brasileira entre 1964 e 1985, bem como do impeachment do presidente Collor de Mello em que a população foi às ruas em grandes passeatas mostrar sua

insatisfação com aquele momento político, que também foi marcado por embates entre os manifestantes e as forças policiais.

A memória recente desses acontecimentos foram amplamente evocados e comparados pelas mídias de massa, gerando polemicas sociais e éticas de grande envergadura. Por uma questão de delimitação de tempo e espaço esta dissertação não pode realizar uma análise mais detida desses fatos, mas, podemos afirmar que apesar das manifestações recentes reivindicarem questões muito mais simples do que o desencadeamento da ditadura militar ou a interrupção de um mandato presidencial, nestes eventos a mobilização social foi fundamental.



Figura 11. Página do Movimento Passe Livre no Facebook Fonte: Dados produzidos pela autora – Facebook (2013e)

A página do grupo¹⁷ Movimento Passe Livre era aberta, assim, não precisava ser aceito para participar, bastava ter cadastro no Facebook, então, rapidamente as pessoas afluíam para comentar e buscar informação. Por causa dos muitos desdobramentos das

¹⁷ Os grupos do Facebook são usados para promover uma *discussão entre os usuários*, e até por isto, possuem administradores e moderadores que tem a função de manter a ordem no grupo, aprovando ou retirando usuários, alterando permissões e enviando mensagens.

manifestações iniciais, o grupo criado no Facebook ampliou-se em outros mais específicos por cidades ou estados.



Carol Cruz

Pessoal, devido a dificuldades em administrar esse grupo o Movimento Passe Livre (MPL) vai virar página. Curtam e ajudem a divulgar. O debate sobre transporte público e as manifestações pela revogação do aumento continuam por lá! : <https://www.facebook.com/MovimentoPasseLivrempl?fref=ts>

Figura 12. Postagem dentro do grupo Movimento Passe Livre

Fonte: Dados produzidos pela autora – Facebook

(2013e)



Danielle Antunes Ribeiro

É muito de espantar que um grupo que criou uma pauta que chamou em massa a solidariedade do povo brasileiro - inclusive a minha, agora tenha a petulância de esnobar de todas as outras reivindicações e dizer que a sua, a revogação do aumento, é a única legítima, e que o resto chegou para "diluir" o movimento. Democracia e liberdade de expressão, agente não vê por aqui!

Curtir · Comentar · 18 de junho às 17:54

 105 pessoas curtiram isso.

 Visualizar comentários anteriores

2 de 1.102

Figura 13. Primeira postagem criticando a decisão

Fonte: Dados produzidos pela autora –

Facebook (2013e)



José Lira Por uma questão de estratégia, as lideranças precisam pensar e dar uma trégua, vamos aguardar as providências dos mandantes que estão no poder. O movimento pelo transporte tinha um foco e foi atingido, não se pode continuar protestos sem foco, precisamos de um foco, do contrario os fascistas reacionários instalados no palácio do planalto, não falo da presidenta, esta tem demonstrado ser democrata, mais tem traidores ao seu lado torcendo pelo caos. Vamos utilizar a inteligência, recuar estrategicamente para voltar com um foco definido. O brasil precisa de mudanças pontuais e para as mudanças pontuais acontecer, precisamos de responsabilidade. O povo já deu o recado, vamos recuar entes que o movimento seja apropriado por grupos fascistas de direita ou fascistas reacionários de esquerda.

23 de junho às 23:04 · Curtir

Figura 14. Comentário dentro da postagem anterior

Fonte: Dados produzidos pela autora –

Facebook (2013e)

A postagem da líder do Movimento Passe Livre (Figura 12) gerou 1.102 comentários, tanto contra como a favor da decisão tomada por essa liderança (Figuras 13 e 14). O reflexo dessa deliberação afetou de maneira diferenciada cada pessoa que se engajou e levantou a bandeira desta reivindicação social. Acreditamos que, por certo, isso vai refletir na maneira como cada uma guardará em sua memória esse acontecimento. Pois, o grau de importância é atribuído com base no contexto social, e distinguir o que é excepcional a partir do que é rotina é sempre uma questão de situação social, mas também, da consciência individual, numa interação dialética em que o exterior influencia as ações da subjetividade, da mesma forma que o sujeito, em sua singularidade, influencia o exterior transformando-o e não simplesmente adaptando-se ao meio. Essa afirmação está de acordo com o conceito de memória como postula Halbwachs que assevera que a memória é necessariamente uma construção social, e que quando alguém se lembra de algo é sempre em relação a seu / sua experiência com os outros e com os códigos de condutas sociais, conforme ele mesmo expressa:

Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que esse ponto de vista muda conforme o lugar que ali ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios (HALBWACHS, 1990, p.51).

Ainda analisando sob o que postula Halbwachs, podemos inferir que a memória coletiva é uma função do poder social, e sua expressão varia de acordo com os contextos sociais em que nos encontramos. Localizamos imagens do passado no âmbito dos quadros imaginários que estão de acordo com a nossa compreensão social. Por essa razão, a memória coletiva é provisória até que seja evocada em contextos sociais específicos, e sua

forma e força são relativas às forças sociais que incidem sobre nossas atuais circunstâncias. Sem tais insígnias sociais, a memória coletiva não pode sobreviver.

Assim, a memória individual tende a ser seletiva, tornando certos eventos mais importantes do que outros. É por isso que a primeira coisa que as pessoas se lembram é se o evento “X” ocorreu enquanto eles estavam com os outros ou por si mesmos, proporcionando então, a construção da memória coletiva fruto dessa seleção individual, mas que necessariamente é social, porque o homem, como temos definido a partir de Kierkegaard, é sempre um ser de relação.

Após a decisão da liderança do Movimento Passe Livre de não agregar outras pautas além da que se referia à revogação do aumento das tarifas de ônibus, a descrição e a imagem do perfil do grupo foram alteradas (Figura 15).



Figura 15. Imagem posterior do Grupo Movimento Passe Livre

Fonte: Dados produzidos pela autora – Facebook

(2013e)



Figura 16. Postagem do grupo MCC convocando para manifestações

Fonte: Dados produzidos pela autora –

Facebook (2013e)

Outros grupos nasceram no Facebook protestando contra o governo ou simplesmente com o intuito de manifestar seus descontentamentos contra a ordem atual das coisas como: o Movimento Contra Corrupção; Movimento Brasil Contra a Corrupção; Movimento Brasil Eficiente.

Um dos grupos que mais cresceu foi o Movimento Contra Corrupção ou MCC (Figura 16), que, de certa forma, tomou o lugar do Movimento Passe Livre passando a articular as manifestações principalmente em São Paulo. As postagens informando e fazendo as convocações, num curto período de tempo eram visualizadas e compartilhadas por milhares de pessoas.

Os protestos tomaram a nação, pequenas e grandes cidades promoveram passeatas. Em muitas ocasiões, excessos por parte dos populares e da polícia fez nascer um movimento dentro do movimento questionando e tentando controlar os exageros que rapidamente repercutiam e ganhavam apoio (Figura 17).

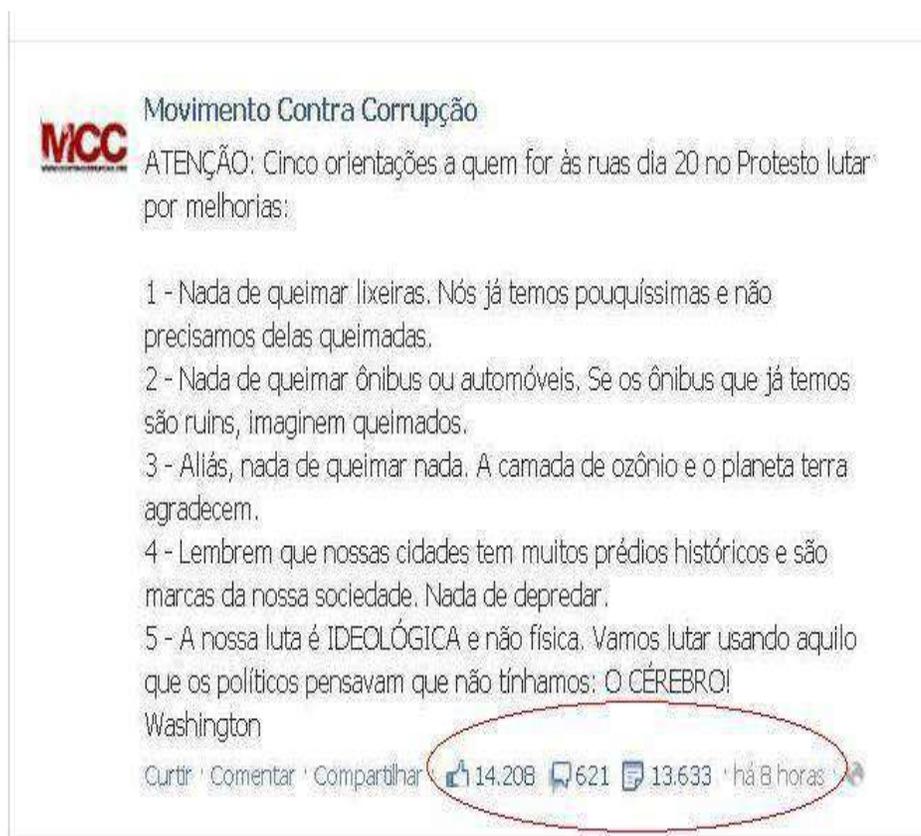


Figura 17. Postagem do grupo MCC orientando os manifestantes

Fonte: Dados produzidos pela

autora)

E os brasileiros descobriram o potencial mobilizador das redes sociais virtuais. Protestos, pressões, críticas, divulgação de informação em massa e capacidade de articulação popular são apenas alguns dos muitos aspectos importantes dos grupos que utilizam as redes sociais na Internet como um meio de encontro e formação de grupos sociais (Figura 18).

O que também precisa ser estudado e devidamente apreciado com o tempo, é a questão de como se organizam e quais as relações desses grupos com os partidos políticos e com os detentores do poder. Embora tenham nascido espontaneamente a partir das indignações de alguns adolescentes, o grupo tomou uma proporção capaz de trazer evidência e atenção popular aos líderes do movimento. E tal evidência, pode significar um grande potencial de elegibilidade dessas pessoas para cargos políticos nas instâncias de poder nas próximas eleições e, obviamente, como essa dissertação sustentou em toda a sua estrutura, o homem é um ser de intencionalidade, resta portanto, outros estudos que deem conta do desdobramento dos grupos que utilizam as redes sociais como espaço político.



Figura 18. Congresso- Postagem mostrando o movimento em Brasília

Fonte: Dados produzidos pela autora)

Por outro lado, entendemos que esses grupos movidos pela emoção e comoção social exercem uma forte influência na homogeneização e não edificação do indivíduo singular quando, no contexto da multidão, diluem as convicções e geram aceitações impostas, onde tudo e todos se convertem em massa e transferem a responsabilidade de suas ações a outros, cometendo mais crimes em nome da obediência do que da desobediência, “o indivíduo singular é para o homem a determinação do espírito, do ser homem: a massa, o número é a determinação da animalidade”... “o número nos faz todos iguais”. (KIERKEGAARD apud ALMEIDA, 1994, p.38). Para que os movimentos como do Passe Livre fosse formado por subjetividades enquanto singularidades seria necessário tempo para reflexão, estudo, análise de conjuntura, problematização, do que em um período de um ou dois meses é impossível a construção de consciência crítica e engajada, por isso, sustentamos a tese da subjetivação da subjetividade nesses movimentos que catalisam os adolescentes e jovens trabalhando com as emoções, afetos e sentimentos e muito próximo

do evento do impeachment do ex presidente Fernando Collor todos foram as ruas em uma semana e permaneceram em suas casas e apartamentos até os dias atuais.

4.4.2 As Redes Sociais Virtuais como espaços pessoais

Além de espaço de mobilização as redes sociais virtuais tornam-se lugar de interação pessoal, talvez, o único para muitas pessoas. Nas postagens encontramos várias demonstrações de sentimentos: declarações de amor (Figura 19 e 20), desabafo, piadas, sugestões, críticas, convites e uma centena de outras formas de declaração que fazem parte da pauta do convívio social.

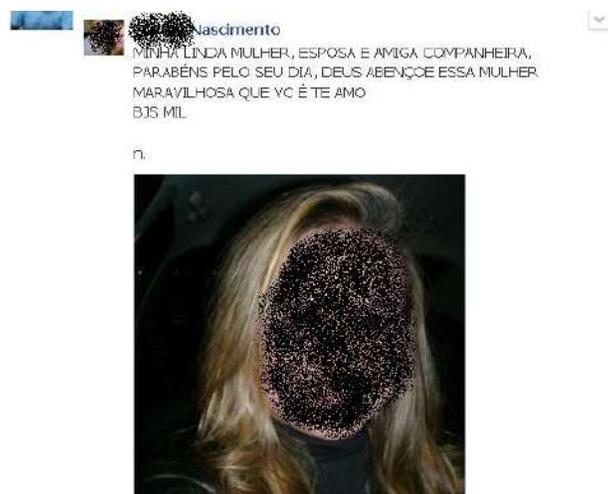


Figura 19. Esposa

Fonte: Dados produzidos pela autora)

 **Almeida**
Perdi uma aluna. Só consigo pensar numa coisa "Eu sinto muito". Acho que não dá para por numa ficha de matrícula o histórico do aluno, saúde, essas coisas...
Bom como ela sempre me cumprimentava, fica meio que a sensação de que eu deveria enxergar alguma coisa . A forma como ela morreu me parece que poderia ser evitada..De qualquer forma, aos 20 anos é muito cedo para partir. Sinto muito.

Curtir · Comentar · Compartilhar · 9 de dezembro às 11:11 · 

 15 pessoas curtiram isso.

 **Rocha** Sei bem o que é isso. Mas o tempo como sempre encara e nos conforta. Abraço!
9 de dezembro às 11:58 · Editado · Curtir

 **Souza da Silva** Lindo seu gesto
9 de dezembro às 15:28 · Curtir

 **da Silva** Profe
Ver tradução
9 de dezembro às 15:28 · Curtir

 **Cheles** Infelizmente uma triste e lamentável realidade em nossas escolas.
9 de dezembro às 18:44 · Curtir

Figura 20. Morte

Fonte: Dados produzidos pela autora

Manifesta-se emoções talvez como forma de afirmação do sentimento ou expressão pública de que o sente. Algumas pessoas estão tão acostumadas em compartilhar seu dia a dia, que publicam o que estão fazendo em tempo real, como um hábito normal e corriqueiro (Figura 21). E não menos rápido, passam a acompanhar a reação dos “amigos” à sua publicação.



Figura 21. Exemplo de “Selfie” Fonte: Dados produzidos pela autora – Facebook (2013a)

Há os que compartilham fotos de demonstração de carinho, antes reservados à intimidade (Figura 22). Essas pessoas equivalem ao que Kierkegaard denomina de número a mais na multidão, são indivíduos sem um *si mesmo* que não tem uma existência centrada em si, mas na reprodução da aceitação do outro.



Figura 22. Beijo

Fonte: Dados produzidos pela autora – Facebook (2013a)

Há os que efetivamente se expõem sem nenhuma outra motivação que não seja aparecer. Como é o caso da jovem mãe (Figura 23) que fez ensaio fotográfico nu com os filhos e publicou na Internet provocando uma onda de comentários de aprovação e reprovação (Figura 24).



Figura 23. Nu

Fonte: Dados produzidos pela autora – Facebook (2013a)



Figura 24. Postagem de comentários das imagens anteriores Fonte: Dados produzidos pela autora – Facebook (2013e)

Outros expressam a tristeza do luto (Figura 25), como que dividindo seus sentimentos, ou solicitam demonstrações de carinho, mostrando sua carência afetiva publicamente (Figura 26), e são prontamente atendidos, numa atitude de empatia.



Figura 25. Luto

Fonte: Dados produzidos pela autora – Facebook (2013e)



Figura 26. Abraço

- Fonte: Dados produzidos pela autora – Facebook (2013e)

Na perspectiva da filosofia existencial de Kierkegaard podemos afirmar que atitudes como essas demonstram o quanto os indivíduos ou as pessoas estão ausentes de si mesmas e, para evitar o confronto e a angústia, necessários a construção da maturidade existencial, se refugiam na máscara, no anonimato e no superficial.

Frases de impacto com comentários insípidos se propagam na rede sem conhecimento real do seu contexto, gerando milhares de reproduções (no caso do post da Figura 27 mais de 33 mil compartilhamentos em cerca de 24 horas) como um eco sem nenhum sentido. O que, de acordo com Kierkegaard,

Enquanto o pensamento objetivo é indiferente quanto ao sujeito que pensa e à sua existência, o pensador subjetivo está, como existente, essencialmente interessado em seu próprio pensamento, está existindo nele. Por isso, seu pensamento tem outro tipo de reflexão, ou seja, o da interioridade, da posse, pelo qual ele pertence ao sujeito e a ninguém mais. Enquanto o pensamento objetivo investe tudo no resultado e leva toda a humanidade a trapacear, copiando e repetindo de cor o resultado e a resposta, o pensamento subjetivo investe tudo no dever e omite o resultado (KIERKEGAARD, 2013, p. 76).

Nesse contexto, fica evidenciado a subjetivação que é a transformação do eu em rebanho conforme descreve Kierkegaard em obras como *O desespero humano - A Doença Mortal* (1974) e *Pós-escrito conclusivo não científico* (2013).

Figura 28. Moda

Fonte: Dados produzidos pela autora – Facebook (2013a)

O excesso de informação, de imagens, de visualizações, não significa que se comunica algo existencial e ético, o que torna potencialmente perigosa essa nova ferramenta e instrumento de informação.

Comunicar é proporcionar ao outro um determinado conteúdo que possa ser analisado, internalizado ou não, mas que tenha a possibilidade de construir diálogo. Comunicar é diferente de informar. No primeiro estamos nos aproximando da definição de Kierkegaard que comunicação e ética se identificam, no segundo, a informação é meramente um adereço que serve para manipular, seduzir, encantar, mas que priva o outro do fundamental: a própria comunicação. Como afirma Kierkegaard:

[...] a diferença na vida não está no *que se diz* mas no *como se diz*. Quanto ao *que*, pode ser que a mesma coisa já tenha sido dita muitas vezes – e assim, as coisas velhas valem sempre.” nada novo sob o sol...” Coisas velhas que sempre se tornam novas. Mas no *como se diz*, eis a novidade. Nesse sentido, vale o ditado que tudo é novo. Saber compreender este *como*, é no fundo próprio do espírito (KIERKEGAARD, 1980, p. 101).



Figura 29. Pão e Circo

Fonte: Dados produzidos pela autora – Facebook (2013a)

As postagens que manifestam indignação (Figura 29) com algum acontecimento também se espalham viralmente na rede social, suscitando muitos comentários.

A gravidade para a construção da subjetividade real e verdadeira no sentido kierkegardiano é que comentários não engendram edificação, rigor de pensamento ou maturidade existencial. Conforme Almeida (2009) “se o indivíduo não se constrói na interioridade ele não adquire uma personalidade e não coloca-se ativamente diante das situações que lhe são apresentadas e conseqüentemente não pode escolher, isto é, exercitar-se na liberdade”(p.35).

Dessa forma, o espaço que poderia ser de reflexão torna-se fatalmente lugar do senso comum, opinião sem consistência, e por isso mesmo, lugar de homogeneizar ideias e mentalidades. Kierkegaard direciona esta forma de pensar quando enfatiza que,

[...] a forma de comunicação é algo de diferente da expressão da comunicação. Quando o pensamento ganhou sua expressão correta na palavra, o que se alcança pela primeira reflexão, então vem a segunda reflexão, que tem a ver com a própria relação da comunicação com o comunicador, e reproduz a própria relação do comunicador existente para com a ideia (KIERKEGAARD, 2013, p.79)

Publicar na rede social virtual parece ser menos comprometedor e mais divertido (Figura 30). A exposição das emoções no mundo on-line não causa o mesmo desconforto e vergonha que a rejeição ou a reprovação produzem nos relacionamentos presenciais olho no olho. Para Almeida ,

[...] é interessante como na metade do século XIX, Kierkegaard já prognosticava a partir da experiência vivenciada na pequena Copenhague a banalização do ser humano e a comercialização das relações, em que virtude e vício têm o mesmo preço, dependendo da ocasião e da perspectiva como se concebe um e outro (ALMEIDA, 2009, p. 39)

E assim, a distancia virtual e sua solubilidade, seus discursos decompostos acabam funcionando como uma proteção real, transmitindo a ideia de lugar seguro e livre, por isso, tão ostensivamente usado para se desnudar em uma frase, ou no máximo em um pequeno parágrafo.



Figura 30. Corrigindo

Fonte: Dados produzidos pela autora – Facebook (2013a)

Embora as pessoas gostem de considerar que são livres pensadores, seu pensamento é muito moldado por formas de pensar e agir que são comumente encontrados na sociedade em que vivem. E assim, somos levados à reprodução e a alienação social, que reforçam e perpetuam vícios econômicos, políticos e sociais historicamente autoritários e perversos. Almeida afirma que:

Dessa forma, o individuo se torna um alvo fácil para a maioria dos políticos, pastores, professores docentes e jornalistas sem escrúpulos, que vendem a mentira como verdade, em que a ética, o compromisso com a existência e com a dignidade humana estão completamente ausentes de suas prédicas e projetos (ALMEIDA, 2009, p. 133)

Sabemos que a memória é parte indissociável daquilo que somos como um todo. E restabelecer laços com o passado renova, hoje, o caminho que nos trouxe até o que somos e onde estamos. Como estabelece Halbwachs quando indica que a,

rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedades múltiplas dentro das quais estamos engajados. Nada escapa à trama sincrônica da existência social atual, e é da combinação destes diversos elementos que pode emergir esta forma que chamamos de lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem...Somos arrastados em múltiplas direções, como se a lembrança fosse um ponto de referencia que nos permitisse situar em meio

à variação contínua dos quadros sociais e da experiência coletiva histórica (HALBWACHS, 1990, p. 14)

E nas redes sociais virtuais, por vezes, encontramos pessoas evocando o passado e convocando outros a lembrar junto através de fotos antigas (Figura 31), que são registros de acontecimentos que marcaram momentos importantes e compartilhados por um grupo social. Numa clara estratégia de manutenção de ligações passadas, reforço das presentes e um reencontro consigo mesmos.



Figura 31. Na fazenda

Fonte: Dados produzidos pela autora – Facebook (2013a)

Por meio de imagens que registraram um determinado tempo cronológico (Figura 32), evocamos reminiscências passadas no presente, como marco de memória, invocando sentimentos, afetos, ligações de grupo que estão no passado, mas, que atualiza na pessoa o vivido como presente vivo despertando sensações, sentimentos e afetos. O caráter social da memória individual ajuda a explicar como as memórias sociais são construídas e como os grupos sociais elementares como os familiares conservam seus laços. A este respeito Halbwachs (1990) coloca que “o tempo é real somente à medida em que tem um conteúdo, isto é, quando oferece um conteúdo de acontecimentos ao pensamento” (p.130).



Figura 32. A turma

Fonte: Dados produzidos pela autora – Facebook (2013a)

Apesar de não haver limites de tamanho de texto, no Facebook é preciso ser conciso e objetivo, pois, se for longo, não será lido, nem comentado. Pode aparecer muitas “curtidas” o que não significa que seu *post* foi lido ou que suas palavras despertaram reflexão ou apreciação mais detida. Curtir é expressão de gostei, mas há a ressalva que o “amigo” pode ter apenas notado sua postagem, no entanto, não a leu considerando o seu conteúdo. O que de fato chama a atenção é a imagem associada a pequenas frases de efeito. Percebemos também que o “curtir” uma *post* é uma ação que funciona como um sistema mutuo de incentivo ou ainda recompensa a quem postou. A rede social, definitivamente não é lugar para longas conversas, ou para se discutir profundamente a relação. Tudo é muito rápido, movimentado, volumoso e novo. A cada cinco segundos (G1.GLOBO, 2013), no mundo inteiro, 17 mil fotos e 144 mil *posts* são publicados no Facebook. Ser atual e presente é o que parece mais importante. Ser profundo não! Com a exceção de algumas “falas” mais vociferadas quando o assunto é política, impostos, futebol ou religião, tudo o mais é curto e rápido como exige o tempo virtual.

E para onde vai a memória da postagem de hoje? Ficarà esquecida ou diluída na postagem de amanhã, que certamente será mais interessante.



Figura 33. Interrogação

A screenshot of a Facebook post. At the top right is a close button (X). The post is by Edna Rabelo, posted "há ± um minuto". Below the name is a section for "Adicionar uma descrição" with buttons for "Marcar foto", "Adicionar local", and "Editar". Below that are options for "Curtir", "Comentar", "Parar notificações", "Compartilhar", and "Editar". A comment box is visible with the placeholder text "Escreva um comentário...". Below the comment box is a "Patrocinado" section for "Schin". The Schin ad text reads: "A Schin está lançando o movimento do Porque Sim! Um movimento para quem gosta de diversão...". Below the text is a small image of a Schin beer can with the text "porquê sim? não há trabalho sem". At the bottom of the ad is a "Curtir página" button.

Fonte: Dados produzidos pela autora – Facebook (2013a)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente dissertação, buscamos refletir sobre a possibilidade ou não da existência de subjetividade e subjetivação em grupos ou comunidades de relacionamento virtual na Internet, as Redes Sociais Virtuais, conforme os pressupostos teórico-filosóficos de Soren Kierkegaard.

No desenvolvimento do texto mantivemos um diálogo com Kierkegaard que foi onde buscamos o aporte teórico principal, mas, mantendo uma interlocução com outros teóricos. Durante a pesquisa a hipótese que levantamos no projeto foi explorada e por que não dizer, experienciada. Assim, ao longo do texto, apresentamos e discutimos que com a chegada da Internet somos confrontados com novas possibilidades, desafios e incertezas, na economia, na educação, na cultura, no pensamento, na forma de ver o mundo e suas fronteiras, no existir humano e nos desdobramentos inerentes a esse existir. Não sendo diferente com relação às interações entre as pessoas e na (des) construção dos processos vinculados à constituição da subjetividade, da subjetivação e do existente singular.

As transformações no mundo da tecnologia da informação e comunicação observadas nas últimas décadas tem produzindo impactos em todas as esferas da vida. O mais evidente está no plano pessoal, uma vez que, redefiniu o universo dos relacionamentos ampliando enormemente aquilo que conhecíamos como espaços apropriados para se estabelecer contatos afetivos e comunicacionais entre tantas outras mudanças.

Ficamos sabendo em tempo real de notícias dos eventos mais distantes através da televisão, Internet ou rádio, meios estes que se intercomunicam, e devido à migração de redes transnacionais ou participação nos mercados globais, cada vez mais pessoas podem sentir que tais eventos têm um impacto em suas vidas e, assim, passam a ganhar relevância pessoal e influenciando a maneira como percebem o presente e se apropriam dele.

O universo on-line expandiu possibilidades e expectativas trazendo novas formas de experimentar afeto, prazer, trocas de conhecimento e experiências numa dimensão inimaginável até bem pouco tempo atrás. Mas é claro que nem tudo é idílico nesse novo mundo. Como todas as transformações sociais precisamos analisar os aspectos positivos e negativos e o impacto que essas novas tecnologias trouxeram sobre a vida das pessoas.

Agregados aos benefícios vieram os riscos, pois, também se tornou possível expandir a prostituição, a pedofilia, a invasão de privacidade, os roubos e outras mazelas do mundo “real” em escala planetária. Caminhamos em lugares que muitas vezes não se pode identificar, pois, no espaço virtual as ruas não tem nomes, os caminhos se movem e as pessoas podem não se apresentar como são, ou podem fazê-lo apenas mostrando-se em pequenas partes. As tecnologias virtuais mudam a noção do espaço de domínio e a noção de tempo.

No que tange a memória, outra abordagem importante da presente dissertação, observamos que, apesar do distanciamento material, as relações estabelecidas através dos meios virtuais estão associadas ao pertencer, que por sua vez, está fundamentalmente ligada à ideia de grupo, de comunidade como postula o conceito de memória coletiva de Halbwachs. Consideramos que o espaço virtual ampliou o conceito de pertencimento de grupo e comunidade, pois, oferece a possibilidade de construir uma identidade de pertença para além da presença física.

Dentro do enfoque dado, por outro lado, entendemos que a construção da identidade não é a mesma coisa da edificação da personalidade, e assim, o pertencimento pode ser positivo ou negativo nas redes sociais virtuais, mas, a construção da personalidade no contexto da virtualidade é eminentemente negativa.

Abordar um tema tão contemporâneo é como narrar um fato ainda acontecendo, cujas cenas subsequentes podem mudar repentinamente, e o que foi dito agora pode não ser mais da mesma maneira em poucos dias. No mundo da tecnologia digital os avanços ocorrem mais rápido do que podemos acompanhar. Mal entendemos como funciona um aparelho, uma determinada ferramenta, recurso ou aplicativo e o mercado já pôs a disposição novas atualizações. E como se estivéssemos sempre atrasados, sempre em dívida e dúvida com a novidade. Essa sensação gera pressa, temor e insegurança. Fatores que, sem dúvida, interferem diretamente na edificação do si mesmo como postula Kierkegaard.

Podemos considerar que estamos vivenciando um estágio de desenvolvimento virtual da sociedade contemporânea que tem afetado os domínios da história, da memória e da sociabilidade. Ou seja, do existir humano nos seus múltiplos desdobramentos, foi nesse contexto que permitiu aproximar Kierkegaard e Halbwachs e o diálogo entre a subjetividade e a memória individual e coletiva, pois para ambos, o existente só

efetivamente existe em relação com o outro e com o pertencimento a um determinado grupo de referencia que pode ser econômico, religioso, simbólico, etc..

No entanto, consideramos as inovações tecnológicas instrumentos construídos pelo homem para servir ao homem, como foram tantos outros desde os utensílios de pedra lascada até o que temos de tecnologia mais *hightec* nos dias atuais. O virtual ainda precisa ser avaliado com o tempo como condição de propiciar uma comunicação ética entre pessoas, grupos, redes, etc, porque existem conexões com fio, sem fio, mas, a conexão fundamental é a conexão humana.

Em função das exigências acadêmicas e da delimitação de uma dissertação, muitas questões precisam ser revistas, precisam ser aprofundadas, e uma das questões mais instigantes na contemporaneidade é o tema e a importância que as mídias virtuais de comunicação têm adquirido em nossa sociedade enquanto modalidade de comunicação e de linguagem, por isso, sugerem mais atenção e investigação.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Textos escolhidos**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- AGOSTINHO, S. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1997.
- ALMEIDA, Jorge Miranda. **Kierkegaard**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- ALMEIDA, Jorge Miranda. **Ética e existência em Kierkegaard e Lévinas**. Vitória da Conquista: Uesb, 2009.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômano**. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1973. Livro VIII, Coleção os Pensadores
- BARRAWORLDSHOPPING. Obtido via internet, <http://barraworldshopping.blogspot.com.br/2012/11/e-que-tal-curtir-o-barra-world.html>. Acessada em 02/12/2013
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vidas para consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BRASIL247. Obtido via internet, <http://brasil247.com/pt/247/poder/105270>, acesso em 27/07/20013.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.
- FRIEDMAN, Thomas L. **O mundo é plano: uma breve historia do século XXI**. Rio de janeiro: Objetiva, 2005.
- FACEBOOK. Obtido via internet, <https://www.facebook.com/anderabelo>, 2013a
- FACEBOOK. Obtido via internet, <https://www.facebook.com/settings?tab=privacy§ion=composer&view>, 2013b
- FACEBOOK. Obtido via internet, <https://www.facebook.com/anderabelo> com informações acrescidas pela autora, 2013c

FACEBOOK. Obtido via internet, <http://www.facebook.com/legal/terms>. Acessado em 10/10/2013d

FACEBOOK. Obtido via internet, <https://www.facebook.com/groups/MovimentoPasseLivre/?fref=ts>. Acesso em 2013e.

FOLHA.UOL. Obtido via internet, <http://www1.folha.uol.com.br/tec/1164393-com-1-bilhao-de-usuarios-facebook-tem-27-bilhoes-de-curtir-por-dia.shtml>. Acessado em 02/12/2103

G1.GLOBO. Obtido via internet, <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2013/04/criminosos-tem-sequestrado-perfis-nas-redes-sociais-e-pedido-resgate.html>. Acessado em 24/06/13a

G1.GLOBO. Obtido via internet, <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2013/12/massa-de-informacoes-digitais-pode-ser-usada-em-beneficio-da-populacao.html> Acessado em 26/12/2013b

GOUVÊA, Ricardo. *Paixão pelo paradoxo. Uma introdução a Kierkegaard*. São Paulo:Fonte Editorial LTDA, 2006.

GUARDIAN. Obtido via internet, <http://www.guardian.co.uk/world/edward-snowden>, acessado em 15/07/2013

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. 20ª ed. Campinas: Papyrus, 1990.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 10º ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

GUATTARI, Félix. *Caosmose*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2008.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

IBOPE. Obtido via internet, <http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Paginas/Brasileiros-passam-mais-tempo-conectados.aspx>. Acessado em 27/07/2013

KIERKEGAARD, Soren. *O desespero humano - A doença Mortal*. São Paulo: Abril Cultural, 1974. Coleção “Os pensadores”.

_____. *As obras do amor*. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. *Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor*. Lisboa: Edições 70, 1986.

_____. *Post-scriptum no científico y definitivo a migajas filosóficas*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2010.

- _____. **Scritti sulla comunicazione**. Roma: Logos, 1979.
- _____. **Diário**. Tradução italiana: Diário. Tradução de Cornélio Fabro. Brescia: Morcelliana, 1980. 12v.
- _____. **Pós-escrito conclusivo não científico às migalhas filosóficas**. Trad. Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida. Petrópolis: Vozes, 2013. Vol.1
- _____. **Los limites de la razón em la existência humana**. México: Publicaciones Cruz O., S.A. Universidad Panamericana, Sociedade Iberoamericana de Estudos Kierkegaardianos, 1993.
- _____. **Migalhas filosóficas**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- _____. **A repetição**. Lisboa: Relógio D'Água, 2009.
- LÉVY, Pierre. **O que é o virtual**. São Paulo: Editora 34, 1996.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- NOTÍCIAS. Obtido via internet, <http://noticias.uol.com.br/album/2013/07/16/caso-edward-snowden.htm>. Acesso em 27/07/2013.
- OGLOBO. Obtido via internet, <http://oglobo.globo.com/defesa-do-consumidor/batalha-para-definir-produtos-essenciais-8365926>. Acessado em 23/08/2013.
- PINZETTA, Inácio. In: VALLS, Álvaro Luiz Montenegro; MARTINS, Jasson da Silva (Org.). **Kierkegaard no nosso tempo**. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2010
- OLHARDIGITAL. Obtido via internet, <http://olhardigital.uol.com.br/noticia/1,5-bilhao-de-pessoas-usam-redes-sociais,-estima-ibm/31920>. Acessado em 20/11/2013
- RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. Coleção Cibercultura.
- RECUERO, Raquel. A nova revolução: as redes são as mensagens. In: BRAMBILLA, Ana. **Para entender as mídias sociais**. E- book, 2011.
- RICOEUR, P. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.
- SAVERIANO, Maria de Fátima Vieira. **Narcisismo e publicidade: uma análise psicossocial dos ideais do consumo na contemporaneidade**. São Paulo: Annablume, 2001.
- SOUZA, Elmara Pereira de. **Cartografia da produção de subjetividade em ambiente virtual de aprendizagem para a formação de docentes online**. Salvador. 2013. 250fls. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia.

SIDEKUM, Antônio. **A intersubjetividade em Martin Buber**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1979.

UHULL. Obtido via internet, <http://www.uhull.com.br/02/18/significado-dos-emoticons>. Acessado em 03/06/2013.

VALLS, Álvaro Luiz Montenegro; MARTINS, Jasson da Silva (Org.). **Kierkegaard no nosso tempo**. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2010.

ANEXOS

Anexo A - Sobre sites de Redes sociais

Neste anexo faço uma apresentação dos sites de Redes Sociais mais usados atualmente. São descrições mais técnicas de suas características gerais e um pouco do histórico da rede, no intuito de mostrar, de maneira mais geral, as especificidades de cada um conforme as descrições apresentadas pelas próprias redes em suas páginas na Internet.

(a) Orkut

O sistema foi criado por Orkut Buyukokten, jovem estudante da Universidade de Stanford que, posteriormente, foi comprado pelo Google e oficialmente lançado em janeiro de 2004 tornando-se popular rapidamente. Na página oficial do Orkut podemos ler no link “Sobre o Orkut”¹⁸ as seguintes informações.

“O Orkut é uma comunidade on-line criada para tornar a sua vida social e a de seus amigos mais ativa e estimulante. A rede social do Orkut pode ajudá-lo a manter contato com seus amigos atuais por meio de fotos e mensagens, e a conhecer mais pessoas.

Com o Orkut é fácil conhecer pessoas que tenham os mesmos hobbies e interesses que você, que estejam procurando um relacionamento afetivo ou contatos profissionais. Você também pode criar comunidades on-line ou participar de várias delas para discutir temas atuais, reencontrar antigos amigos da escola ou até mesmo trocar receitas favoritas.

Você decide com quem quer interagir. Antes de conhecer uma pessoa no orkut, você pode ler seu perfil e ver como ela está conectada a você através da rede de amigos.

Para ingressar no Orkut, acesse a sua Conta do Google e comece a criar seu perfil imediatamente. Se você ainda não tiver uma Conta do Google, nós o ajudaremos a criá-la em alguns minutos.

Nossa missão é ajudá-lo a criar uma rede de amigos mais íntimos e chegados. Esperamos que em breve você esteja curtindo mais a sua vida social.” Divirta-se (=

¹⁸ www.orkut.com/main Acessado em 20/09/2013

O Orkut é uma das Redes Sociais Virtuais mais conhecidas no mundo, apesar de nos últimos dois anos, ter perdido muitos usuários pela concorrência que enfrenta de outras redes. Mas, ainda é bastante usada, principalmente por pessoas que se interessam por criar comunidades de interesses, oferecendo até recursos para quem procura sua “cara-metade”.

Ao acessar a página inicial do Orkut a descrição do que ele oferece é bastante atrativa: Igual à vida real; Comunique-se e Divirta-se!

Ao se cadastrar no Orkut o usuário preenche um questionário dividido em três categorias: social, profissional e pessoal. A partir deste questionário pode-se montar o perfil (*profile*), que poderá ser visto por qualquer usuário, desde que você dê as permissões necessárias no painel de gerenciamento do site.

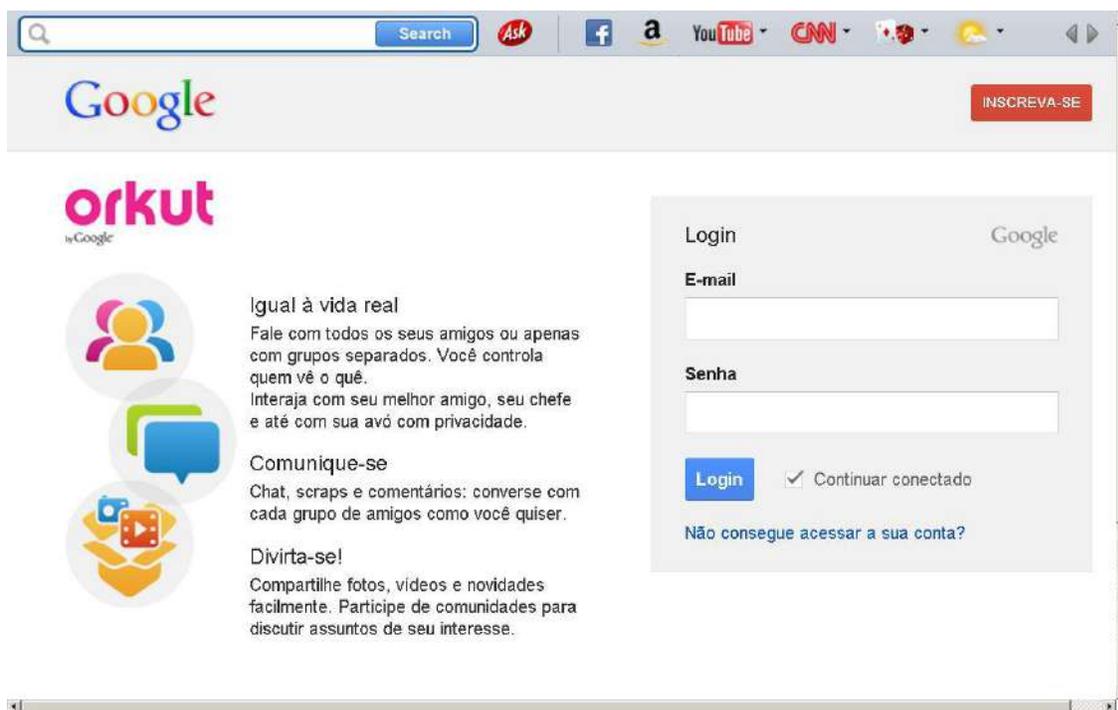


Figura 1. Página inicial do Orkut¹⁹

O usuário pode colocar uma foto principal (*avatar*) que aparecerá ao enviar uma mensagem para outros usuários ou qualquer outra ação que envolva seu perfil. Também é possível incluir fotos, vídeos e *feeds*²⁰ ao seu perfil. Além destes recursos existem outros

¹⁹ <https://accounts.google.com/ServiceLogin?service=orkut&hl=> Acessada em 03/09/2013

²⁰ Os sites publicam listas de atualizações denominadas "feeds" que indicam quando novos conteúdos são postados.

que só são executados por outras pessoas no seu perfil, como escrever um depoimento a respeito de determinado usuário, enviar uma “cantada” ou mensagem particular, ignorá-lo ou até mesmo denunciá-lo ao Orkut para que seu perfil seja investigado quando qualquer dessas ações parecer suspeita, ou ofensiva.

Quando se adiciona novos amigos é possível organizá-los em grupos, classificá-los como “legal”, “confiável” e “sexy” numa escala de 1 a 3 para cada amigo e até virar “fã” de algum deles. Pode-se também definir o nível de amizade em: “não conheço”, “conhecido”, “amigo”, “bom amigo” e “melhor amigo”. Na guia amigos também se pode enviar convites através de endereços de e-mail para os que ainda não tenham um perfil no Orkut, isso pode ser feito individualmente ou em massa, mandando a mesma mensagem para vários e-mails. Um dos recursos principais do Orkut é a criação e participação em comunidades que, no Orkut, pode ser definido como um espaço reservado para pessoas que se identifiquem ou tenham determinados interesses, por exemplo: pode-se criar uma comunidade que queira debater assuntos políticos, educacionais e até familiares. As comunidades podem ser públicas ou ter acesso limitado, nestas, a participação fica sujeita a aceitação pelo administrador. Em cada comunidade é possível adicionar eventos com data de acontecimentos e informações, adicionar tópicos no fórum onde outros usuários podem inserir *posts* (postagens), adicionar enquetes com gráficos de votação e também se pode enviar uma mesma mensagem para todos os participantes.

(b) My Space

O sistema foi lançado em 2003 por Chris DeWolfe e Tom Anderson. O acesso é através de um perfil que é feito com o cadastramento de usuário e senha. O Myspace propicia a interação de uma rede social com publicação de fotos, notícias, vídeos, músicas e armazenamento de arquivos on-line. O diferencial do Myspace está no maior grau de personalização da interface do usuário, além de integrar as mídias.

Atualmente o Myspace é utilizado principalmente por bandas e cantores, possibilitando a divulgação de vídeos e músicas, além de criar um espaço de interação para fãs, artistas e pessoas comuns.

Na página oficial o Myspace²¹ apresenta as seguintes informações:

Myspace LLC é um líder de entretenimento social alimentado pelas paixões dos fãs. Visando o público da geração Y (também chamada geração da Internet), o Myspace impulsiona a interação social por meio de uma experiência altamente personalizada em torno do entretenimento e conectando pessoas à música, celebridades, tv, cinema e jogos apreciados. Essas experiências de entretenimento estão disponíveis por meio de plataformas múltiplas, inclusive aplicativos on-line e eventos off-line.

O Myspace hospeda também o Myspace Música, um catálogo crescente de conteúdo de áudio e vídeo transmitidos gratuitamente para os usuários e com ferramentas para artistas famosos, independentes ou anônimos, atingirem um novo público. A empresa tem sede em Beverly Hills, Califórnia e é uma divisão da Specific Media.

Ao utilizar um Aplicativo do MySpace (aplicativo ou jogo), as Informações Básicas do Perfil (excluindo idade e sexo), sua lista de amigos e as Informações Básicas dos Perfis de seus amigos (excluindo idade e sexo) são compartilhadas com esse aplicativo. Então, esse aplicativo também poderá ter acesso a todo o conteúdo do perfil que você disponibilizou para "qualquer um". Os Aplicativos utilizam as informações compartilhadas para proporcionar a você uma experiência mais personalizada, como permitir que convide amigos para jogar com você. Você também poderá ter a opção de compartilhar informações adicionais com esse aplicativo, dependendo da funcionalidade dele. Além disso, quando um amigo adicionar um aplicativo (mesmo que você não tenha adicionado tal aplicativo), as Informações Básicas do seu Perfil (excluindo idade e sexo) serão compartilhadas com esse aplicativo. O Conteúdo do Perfil disponível para "Qualquer um" também pode ser compartilhado com esse aplicativo para proporcionar uma experiência mais interessante ao seu amigo. Se preferir não compartilhar nenhuma informação além das Informações Básicas do Perfil com aplicativos que não adicionou, bloqueie todos os aplicativos que não adicionou.

(b.1)Tipos de conta²²

²¹ <http://br.myspace.com/> Acessado em 07/09/2013

²² https://www.myspace.com/signup?pm_cmp=ed_footer. Acessado em 07/09/13

Criar um perfil personalizado com as suas informações, o seu conteúdo e os seus fãs.

- i. Pessoal - Encontrar e se conectar com as pessoas que têm gosto parecido em jogos, música e filmes. Compartilhar fotos, vídeos e atualizações com os amigos.
- ii. Músico - Carregue músicas, fotos, vídeos e muito mais para que seus fãs os aproveitem e compartilhem.
- iii. Comediante - Seja listado em nosso extenso diretório de comediantes profissionais. Promova apresentações e segmente sua base de fãs por região geográfica com acesso à Plataforma de Eventos.
- iv. Cineasta - Mostre seu trabalho e destaque sua função na comunidade de cineastas.

Estabeleça suas preferências, afiliações e influências; anuncie verificações e prêmios.

Entre em contato com fãs, promova seus shows e obtenha estatísticas de tráfego detalhadas. Compartilhar fotos, vídeos e atualizações com os amigos.

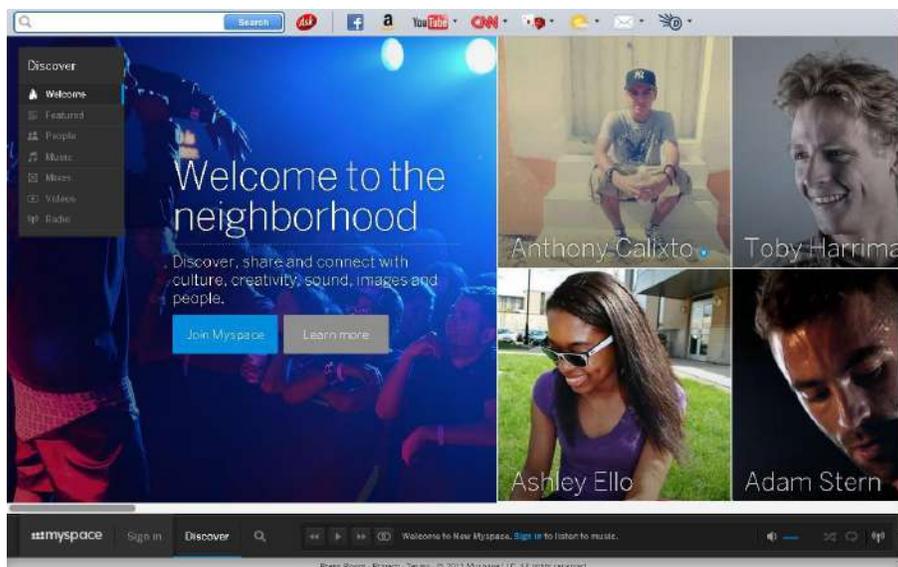


Figura 2. - Página inicial do Myspace²³

(c) LinkedIn

O LinkedIn é um site de negócios que possui o formato de uma rede de relacionamento. Por este motivo, muitos se referem a LinkedIn como uma rede social. O site foi fundado em 2002, porém, seu lançamento ocorreu no ano seguinte, em 2003, na Califórnia. O principal objetivo do site é reunir profissionais, através de uma listagem abrangente ou mesmo detalhada de vários contatos, sendo pessoas ou empresas. Desta forma, permitindo a interatividade entre os profissionais. O LinkedIn já possuía uma grande aceitação pelos brasileiros. O lançamento da versão em português foi em 2010, e o número de usuários vem crescendo diariamente. Estima-se que há mais de dois milhões de usuários ativos no país. O Brasil, por sua vez, passou a pertencer ao grupo de países que mais pratica “networking²⁴” no serviço.

Na página oficial do site do LinkedIn²⁵ são apresentadas as seguintes informações:

Sobre nós

Bem-vindo ao LinkedIn, a maior rede profissional, com 225 milhões de usuários em mais de 200 países e territórios em todo o mundo.

Missão

A missão do LinkedIn é simples: conectar profissionais do mundo todo, tornando-os mais produtivos e bem-sucedidos. Ao se cadastrar no LinkedIn, você ganha acesso a pessoas, vagas, notícias, atualizações e insights que ajudam você a brilhar na sua profissão.

Informações da empresa

O LinkedIn começou na sala de estar do cofundador Reid Hoffman em 2002 e teve seu lançamento oficial em 5 de maio de 2003.

²³ <http://myspace.com/> Acessado em 07/09/2013

²⁴ Rede de trabalho (tradução da autora)

²⁵ <http://br.linkedin.com/>. Acessado em 07/09/13

Jeff Weiner é o Presidente do LinkedIn, e a equipe de gestão da empresa é composta por executivos experientes vindos de companhias como Yahoo!, Google, Microsoft, TiVo, PayPal e Electronic Arts.

O LinkedIn é uma empresa de capital aberto e tem um modelo de negócios bem diversificado, onde a receita provém de assinaturas de usuários, vendas de publicidade e Soluções de Talentos.

Para maiores informações sobre a nossa empresa, visite a nossa Company Page. Os membros da imprensa podem enviar seus comentários ou perguntas para o press@linkedin.com.

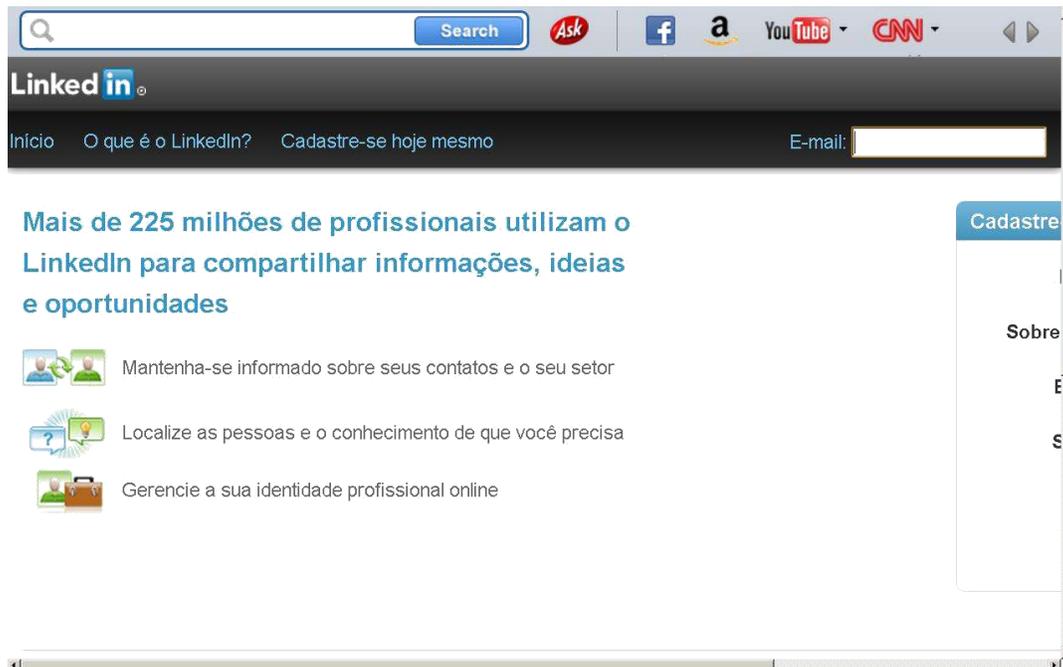


Figura 3. Página inicial do LinkedIn



Figura 4. Link²⁶ da página inicial

(d) Twitter

Me siga no Twitter! Essa frase tornou-se comum entre anônimos e famosos. Empresas também usam para divulgar sua marca e fazer marketing direto. Mas o que é o Twitter? A palavra inglesa *twitter* que significa gorjeio faz referência aos sons melódiosos emitidos pelos pássaros, referência que também é feita ao ícone símbolo desse sistema de mensagens, um pássaro.

O Twitter foi fundado em março de 2006 por Jack Dorsey, Biz Stone e Evan Williams, como um projeto da empresa Odeo. O Twitter é uma rede social que permite que os usuários enviem atualizações pessoais, contendo apenas texto, com até 140 caracteres (twetes), via o www.twitter.com, SMS, e-mail. A idéia é contar sua vida em 140 caracteres através da pergunta “O que você está fazendo agora?”. A resposta é atualizada em seu perfil, na sequência que é escrita, e enviada a todos os seus seguidores.

²⁶ http://br.linkedin.com/static?key=what_is_linkedin&trk=hb_what. Acessado em 07/05/13

O acesso ao sistema é feito mediante um cadastro onde o usuário cria o seu perfil que pode ser personalizado com um Avatar e uma pequena descrição (chamada Bio).

A partir daí o usuário começa a escrever pequenas mensagens com até 140 caracteres, falando o que quiser ou enviando fotos e outros tipos de informação. O Twitter é baseado em seguidores e pessoas a seguir. Para seguir alguém basta entrar com um nome (ou assunto) na ferramenta de busca do sistema e clicar em “Seguir”. Daí em diante tudo o que ela escrever passa a aparecer na página de entrada no Twitter. Assim, quem segue 10 pessoas, por exemplo, vai ter na sua página de entrada o que ela própria escreveu mais as mensagens das pessoas que segue, em ordem cronológica. Também há a possibilidade de enviar mensagens de modo privado e direcionado usando-se o “@” antes do nome do destinatário. O usuário pode ainda definir se quer enviar estas mensagens por email, SMS, etc. A facilidade do seu uso por dispositivos móveis facilitou a atrair muitos usuários tornando-se uma febre. O Twitter começou com a intenção de acompanhar a vida de um amigo, ou colega de trabalho, quase um diário de adolescente, e mantém até hoje sobre a caixa de texto a mesma pergunta “O que você está fazendo agora?”

No entanto, O Twitter está se transformando em um fenômeno de mídia social e já permite diversas ações de Marketing Viral e Marketing de Conteúdo, sendo por isso largamente utilizada por empresas.

O Twitter aparece em pesquisas recentes como a quarta rede social mais usada no mundo, com cerca de 288 milhões de usuários²⁷.

Na página oficial do Twitter²⁸ aparecem as seguintes informações:

A forma mais rápida e simples de ficar perto de tudo que você gosta. O Twitter é uma rede de informação em tempo real que conecta você às últimas histórias, ideias, opiniões e notícias sobre o que há de mais interessante. Basta encontrar as contas que você mais se identifica e seguir as conversas.

O Twitter é composto por pequenas explosões de informação chamadas Tweets. Cada Tweet tem até 140 caracteres, mas não se deixe enganar pelo tamanho da mensagem; você pode descobrir muita coisa em pouco espaço. Você pode ver fotos, vídeos e conversas

²⁷ <http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/google-ultrapassa-twitter-em-numero-de-usuarios>. Acessado em 07/09/2013.

²⁸ <https://twitter.com/about>

diretamente nos Tweets e acompanhar toda a história num piscar de olhos, tudo em um único lugar.

Você não precisa ter um site para navegar na Internet e você não precisa tweetar para desfrutar o Twitter. Tanto faz se você tweeta 100 vezes por dia, ou nunca, você ainda tem acesso às conversas e informações em torno do que lhe interessa. Você pode contribuir, ou apenas ouvir e buscar as informações mais recentes. Visite fly.twitter.com para saber mais sobre o que você poderá descobrir.

O Twitter conecta empresas aos seus clientes em tempo real - e as empresas usam o Twitter para compartilhar informações de forma rápida com as pessoas interessadas em seus produtos e serviços, para coletar sugestões e informações do mercado em tempo real, e construir relacionamentos com clientes, parceiros e pessoas influentes. Desde o levantamento de marca e GRC até vendas diretas, o Twitter oferece às empresas uma oportunidade de atingir um público alvo. Visite [Twitter 101 para Empresas](#) para saber mais.

O Twitter se presta a causas e ações. A cada dia, somos inspirados por histórias de pessoas que usam o Twitter para ajudar a tornar o mundo um lugar melhor de maneiras inesperadas. Visite stories.twitter.com para saber mais. E com apenas um Tweet, milhões de pessoas mostram seu apoio ou sabem mais sobre iniciativas positivas que poderiam ter passado despercebidas. Programas como os Anúncios do Twitter para Boas Ações oferecem às organizações sem fins lucrativos uma boa maneira de promover seus esforços da mesma forma que as empresas fazem. À medida que mais organizações centradas na comunidade aderem à plataforma, cidadãos vão, cada vez mais, se envolvendo com os esforços em curso para mobilizar suas comunidades.

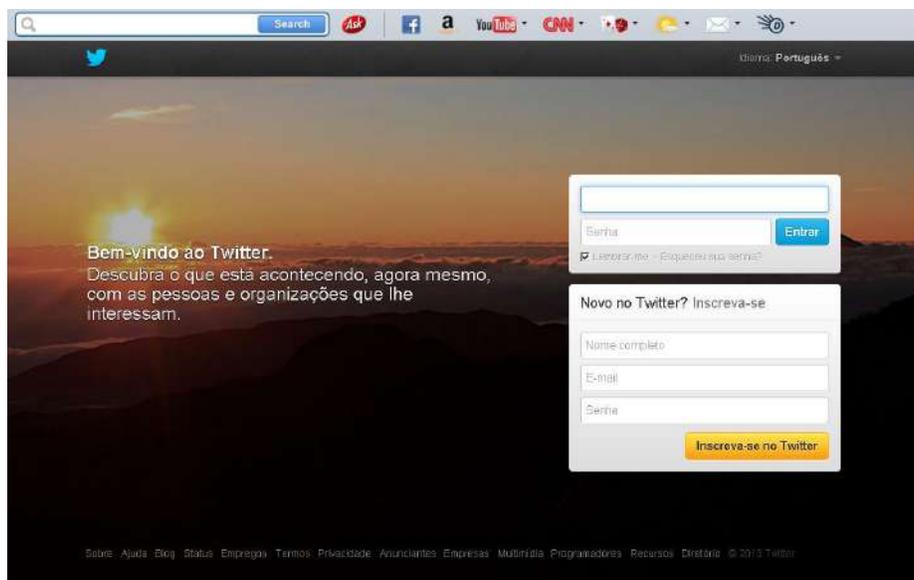


Figura 5. Página Inicial do Twitter²⁹

²⁹ <https://twitter.com/>. Acessado em 10/09/13